



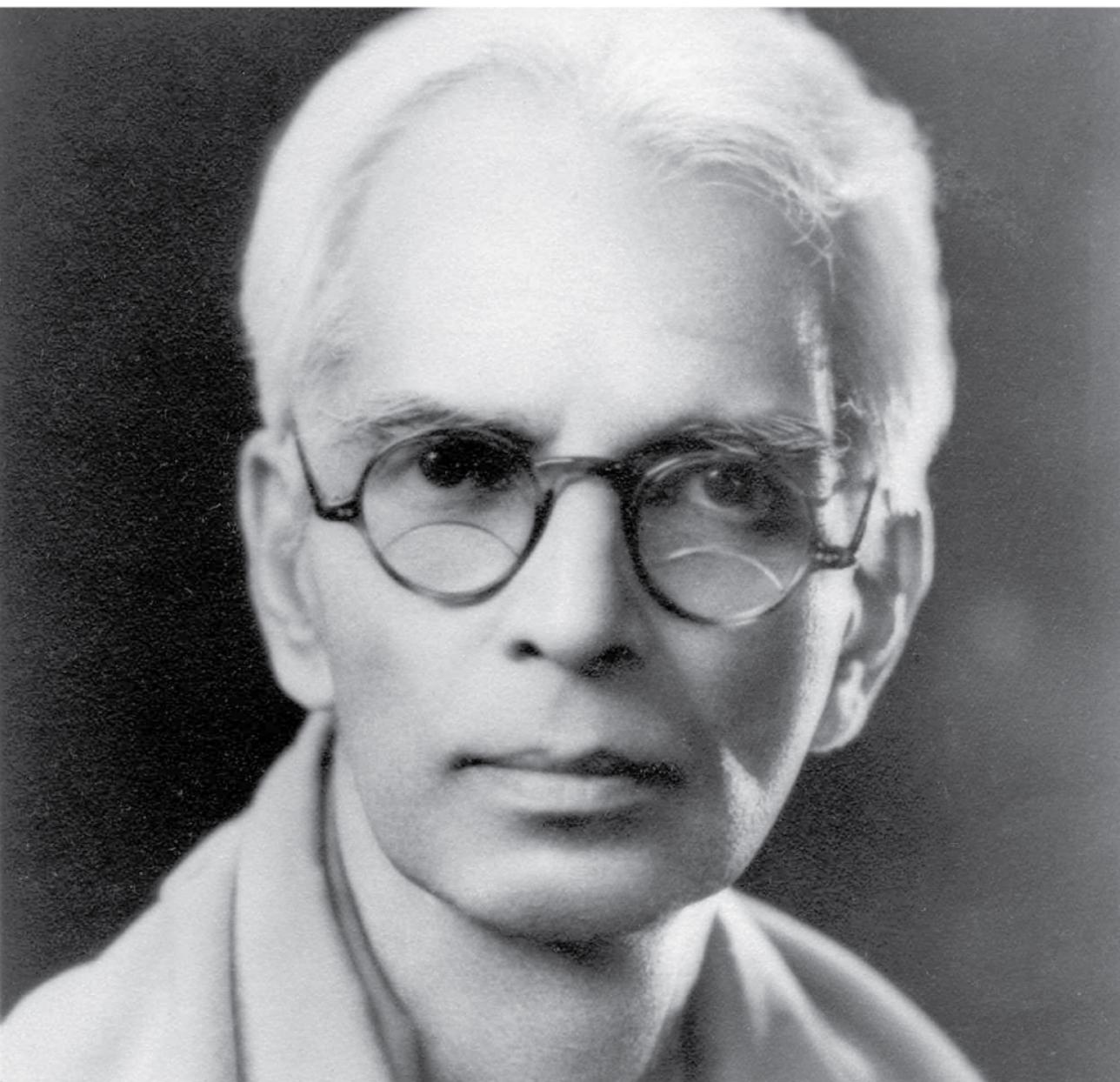
# OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

Publicação quadrimestral da Sociedade Teosófica de Portugal

JANEIRO ~ DEZEMBRO 2014, Nº 24

ISSN 0873 - 0814



## DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

A Sociedade Teosófica é composta por estudantes que pertencem a qualquer religião no mundo, ou a nenhuma, que estão unidos pela aceitação dos Objetivos da Sociedade, pela vontade de remover os antagonismos religiosos e de aproximar os homens de boa vontade, independentemente das suas opiniões religiosas, e pelo desejo de estudar as verdades religiosas e de partilhar os resultados dos seus estudos com os outros. O seu vínculo de união não é professar uma crença comum, mas uma busca comum e a aspiração pela Verdade. Eles sustentam que a Verdade deve ser procurada pelo estudo, pela reflexão, pela pureza de vida, pela devoção aos ideais elevados, e consideram a Verdade como uma recompensa a ser alcançada pela força da vontade, e não como um dogma a ser imposto pela autoridade. Eles consideram que a crença deve ser o resultado do estudo individual ou da intuição, e não a sua premissa, e deve fundamentar-se no conhecimento, não na alegação. A todos, eles estendem a sua tolerância, mesmo aos intolerantes, não como um privilégio por eles conferido, mas como um dever que desempenham, procurando eliminar a ignorância, e não puni-la. Eles veem qualquer religião como uma expressão da Sabedoria Divina e preferem o seu estudo ao invés da sua censura, e a sua prática ao invés do proselitismo. A Paz é o seu lema, assim como a Verdade é o seu objetivo.

A Teosofia é o corpo de verdades que constitui a base de todas as religiões, e que não podem ser reivindicadas como propriedade exclusiva de nenhuma religião. A Teosofia oferece uma filosofia que torna a vida inteligível, e que demonstra a justiça e o amor que guiam a sua evolução. A Teosofia coloca a morte no seu devido lugar, como um incidente recorrente numa vida sem fim, abrindo a porta para uma existência mais plena e radiante. A Teosofia restitui ao mundo a Ciência do Espírito, ensinando o homem a conhecer o Espírito como ele mesmo, e a mente e o corpo como seus servos. A Teosofia ilumina as escrituras e as doutrinas das religiões, desvendando os seus significados ocultos e, desta forma, justificando-as à luz da inteligência uma vez que elas são sempre justificadas aos olhos da intuição.

Os Membros da Sociedade Teosófica estudam essas verdades e os Teósofos esforçam-se por vivê-las. Todo aquele que estiver disposto a estudar, a ser tolerante, a desejar o mais elevado e a trabalhar com perseverança, é bem-vindo como membro e dele dependerá poder tornar-se um verdadeiro Teósofo.

*in The Theosophist*

# OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

JANEIRO - DEZEMBRO 2014, Nº 24

Periodicidade quadrimestral

ISSN: 0873-0814

Depósito legal: 88327/95

S.R.I.P. 100 777 STP

Tiragem: 200 Exemplares

**Propriedade:** Sociedade Teosófica de Portugal

Rua José Estevão 10 B,

1150-202 Lisboa

[www.sociedadeteosoficadeportugal.pt](http://www.sociedadeteosoficadeportugal.pt)

[geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt](mailto:geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt)

Tel.: 21 353 47 50

NIF: 501 465 215

**Director:** Carlos Guerra

**Colaboradores:** Ana Maria Coelho de Sousa,

António Roque, Rosa Duarte

A S.T.P. é responsável pelas notícias oficiais publicadas nesta revista. Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

**Impressão:** Gráfica Eborense, Sociedade

Instrutiva Regional Eborense, S.A.

Rua da Misericórdia 9-13, Apartado 28,

7002-501 Évora

**Capa:** Nilakanta Sri Ram (1889 - 1973),

quinto presidente da Sociedade Teosófica

(Adyar, Índia) de 1953 a 1973



## SUMÁRIO

# Editorial

JANEIRO - DEZEMBRO 2014

### Editorial

Carlos Guerra 1

### O Que Quero?

Radha Burnier 2

### O Grande Paradoxo

H. P. Blavatsky 6

### O Impacto da Meditação na Vida Espiritual

Danielle Audoin 9

### Ioga é a dissolução de todos os centros de reação da mente

Rohit Mehta 11

### Consciência e Teosofia

José António Alves 13

### A Teosofia Aplicada à Vida Quotidiana

Maria de Lurdes Rodrigues 18

### Bhagavan Sri Ramana Maharshi, o Sábio de Arunachala

Ana Maria Coelho de Sousa 21

### Notícias da S.T.P.

Carlos Guerra 27

A verdadeira espiritualidade é libertadora, traz consigo uma tranquilidade inusitada que não é indiferença, nem esquecimento, nem ausência, nem falsa devoção, mas sim desprendimento. A tranquilidade não se programa, não se treina, não se deixa aprisionar e logo parte, não se repete, alarga e silencia o nosso espaço interior, que não é nosso, nem apenas interior, transforma-o e nele lança o perfume da solidão; querer retê-la ou revivê-la é caminhar ao encontro da frustração.

A verdadeira espiritualidade não se procura, nem se cultiva. Sem temor, ela rompe quaisquer fronteiras ideológicas, impeditivas do entendimento e da integração da diversidade, favorecedoras da criação de estereótipos de todo o género, aos quais muitas vezes nos ajustamos, de forma inconsciente, acrítica, seguidista, imitativa, numa busca da segurança que muitas vezes nos dificulta avançar.

A verdadeira espiritualidade surge de forma natural na constatação espontânea de que tudo é apenas um. Uma tal espiritualidade expressa-se na atitude religiosa para a qual nenhum culto, nenhum ritual, nenhuma fantasia se revelam necessários. O afeto e o respeito por todos os seres e por todas as coisas não carecem de ideologias, por mais inspiradoras que elas possam parecer. Ideologias ditas inspiradoras rapidamente podem transformar-se em crenças, em preceitos moralizantes, em regras estabelecidas, fundamentalistas. Na atitude religiosa, as ideias não se petrificam e os ideais são questionados, porque a atitude religiosa promove a reflexão com o outro e deixa acontecer a contemplação que refresca, que naturalmente apaga o eu, a contemplação que nada endeusa.

A verdadeira espiritualidade, que é religiosidade genuína, tem em si a natureza da mesma força renovadora que impele a torrente de um rio, de nascente incerta, vencendo obstáculos, em direção a um oceano desconhecido, a natureza da mesma força renovadora que facilita o voo de uma ave, de parte incerta, rasgando o céu, em direção a um horizonte desconhecido.

A verdadeira espiritualidade é regeneradora.

*Carlos Guerra*

# O Que Quero?

RADHA BURNIER

**T**eósofos sérios deveriam colocar a si mesmos a pergunta seguinte, não uma mas muitas vezes: “O que é que eu realmente quero?”. No entanto, a ênfase não deve ser dada à expressão “eu quero”. A pergunta deveria auxiliar-nos a descobrir o que é que a natureza mais íntima busca.

Em todo o ser humano existe alguma coisa profundamente interior que tenta expandir-se e brilhar em todo seu esplendor. Se é dada à pergunta uma resposta num nível superficial, essa expansão não será facilitada. É demasiado fácil dar as respostas esperadas. Por vezes, as pessoas dizem: “eu quero servir a humanidade”. É muito fácil dizer isto em palavras e até mesmo pensar sobre isto; tanto a palavra como o pensamento são superficiais. É a resposta pronta, a coisa certa a dizer, que se segue à pergunta, devido a um certo condicionamento teosófico que o apresenta como desejável. Porque é coisa aceite acreditar que a luz e a verdade são mais importantes do que coisas meramente mundanas, a resposta aprovada é rapidamente produzida a partir de uma camada superficial da mente. É fácil dar essas respostas rápidas e fáceis, mas a resposta que vem de uma parte superficial de nós mesmos não é suficiente. Na verdade, nós devemos pôr de lado as respostas que vêm da fala e da mente e buscar outras respostas no coração. De um estado de absoluta quietude – que surge quando o pensamento e a palavra são ambos postos de lado – que resposta é dada à pergunta pelo coração?

Na verdade, é possível pôr de lado todas

as respostas externas e procurar profundamente em si mesmo, ocorrendo aí uma viragem em direção à verdade. Se não pudermos dedicarnos a fazê-lo, como poderemos alegar sermos teósofos? Estamos na Sociedade Teosófica apenas para tirar partido de alguma atividade exterior que é momentaneamente satisfatória? É demasiado fácil satisfazer-mos com a atividade, com o trabalho em algum departamento, com a escrita, com a comparência em reuniões e assim por diante. Mas uma tal atividade não é suficiente para tornar alguém um teósofo. A pergunta crucial é esta: no meio de a toda minha atividade, onde estou eu centrado? Qual é minha condição interior enquanto atuo, falo, penso? Afinal, há uma vida interna ou a minha atividade é iniciada e dirigida a partir da camada superficial do meu cérebro? Para tornar-se consciente do ímpeto interior, dar-se a si mesmo à verdade, é necessário fazer uma pausa durante atividades, não uma mas muitas vezes. Depois de a atividade exterior terminar, a pequena tagarelice do cérebro continua. Deve ir-se para além disso também, até à natureza interior. Se se falhar aqui, não se é realmente capaz de fazer o trabalho teosófico do ponto de vista daquelas grandes forças que dirigem o destino do homem rumo ao Bem.

Aqueles que não estão afinados com as forças que auxiliam a marcha progressiva da humanidade, não podem fazer um trabalho de valor, embora possam estar infinitamente ativos. Somente aqueles que estão afinados saberão infalivelmente qual a coisa certa a fazer.

A reta ação pode vir somente através do reto sentimento, não do pensamento apenas, pois ela não é a mera realização de uma tarefa particular – dar uma palestra ou escrever um livro – mas está relacionada com cada detalhe da nossa vida diária. Por exemplo, há um modo de falar reto com outra pessoa e também de pensar sobre ela. Na verdade, há um modo reto de encarar cada evento com o qual nos confrontamos no nosso viver diário.

Como podemos fazer isto sem um sentimento reto? O homem perfeito possui o reto sentimento num grau supremo, porque ele é uno com a vida; nele, não há um eu pessoal. E é a partir deste estado de unidade que ele atua. Mas a pessoa menos evoluída não pode agir retamente porque ela está isolada na sua personalidade.

Um teósofo deve examinar-se a si mesmo para ver o quanto ele se afastou dos outros interiormente, para ver se a sua atividade mental o enclausurou no autointeresse. Muito frequentemente ele pensa da seguinte forma: “eu quero trabalhar pela verdade” ou “eu estou a progredir no conhecimento teosófico”. Isto é tão-só uma noção autocentrada que favorece o processo de isolamento.

É igualmente fácil tomar por engano um sentimento de emotividade como sendo a resposta do coração. Mas isto não é o que se pretende dizer por “coração”. Por “coração” devemos entender Buddhi ou a percepção superior.

Desta forma, embora a resposta à pergunta “O que é que eu realmente quero?” possa parecer bastante simples, devemos muitas vezes buscá-la no coração. Quando a luz, a verdade, o bem, são profundamente encontrados em nós mesmos, as nossas ações e relacionamentos transformam-se. Coisas que uma vez nos perturbaram, cessam de ter importância e são colocadas em segundo plano. Mesmo quando algumas fantasias, desejos, atrações permanecem – atrás de tudo isso existe ainda a procura da luz.

A fim de encontrar o centro interior, de chegar um pouco mais perto da realidade, é necessário o distanciamento das preocupações diárias.

Muitas pessoas sentem-se renovadas numa convenção ou numa conferência porque, por algum tempo, puseram de lado as suas pequenas tarefas, deveres e responsabilidades diárias; foram capazes de colocar-se elas mesmas à parte. Podemos ser afortunados o suficiente para caminhar num lugar quieto e arborizado, onde possamos olhar para as árvores e para os pássaros e escutar o silêncio; quando estamos longe do mundo e de seu tumulto, ocorre uma sensação de paz e de uma dimensão diferente. O tempo também nos leva para longe e mostramos a irrealidade e a relativa não importância da maioria dos acontecimentos. Podemos olhar para trás, para os pequenos incidentes que nos perturbaram na ocasião, os mal-entendidos com outras pessoas, e constatar a sua insignificância.

Tal distanciamento de nós mesmos no tempo e no espaço é necessário para alcançarmos o coração e o centro interior, para descobrirmos como agir e o que é que realmente queremos fazer. Um tal não envolvimento não é apatia ou insensibilidade, mas um desapego necessário; sem ele, não podemos ver o nosso caminho ou agir retamente. Se olhamos a vida com este sentimento de distância, podemos ver muito mais do quadro total. Quando um quadro nos proporciona um sentido inteiro da beleza, é porque se trata do quadro no seu todo; um canto limitado do quadro não pode dar-nos o significado total do quadro. Naturalmente, o quadro completo é feito de todas as suas partes; se as partes fossem totalmente desprovidas de sentido, o todo também não teria sentido. Cada pequena parte é significativa apenas como parte do todo, mas isolada do todo ela não possui nenhum significado. Também na música uma nota por si mesma, ou mesmo um acorde isolado, não pode inspirar ou elevar-nos;

no entanto, se a nota está errada ou o acorde fora de lugar, a música é destruída.

Portanto, tudo na vida é significativo, mas é significativo apenas como parte da vida total, não por si mesmo. É essencial ver as coisas na sua totalidade, como parte do movimento da vida, mas se não formos capazes de nos desprender não poderemos fazê-lo. Não poderemos ver o todo se dirigirmos toda a nossa atenção para um incidente isolado, se dermos importância a todas as pequenas palavras que nos são ditas, a cada acontecimento trivial. Quanto mais a mente se isola dos outros, mais importante ela se sente e mais sem sentido ela se torna. Somente quando o coração vê e sabe estar em relação com tudo o que existe, é que ele se torna capaz de agir retamente.

A literatura teosófica impele-nos a estudar o eu inferior à luz do superior. O que é essa “luz do superior”? Frequentemente, uma parte da mente inferior olha para outra parte e imagina que ela é o eu superior. Cada parte da mente é o eu inferior. Assim, quando a mente olha para si mesma e tenta disciplinar-se, nenhuma mudança pode jamais ocorrer. A transformação ocorre somente quando há uma observação do que está acontecendo através de um nível diferente – isto é, através de Buddhi. Isto é apenas um nome, pois não sabemos o que é Buddhi. Mas quando a mente está quieta e existe alguma coisa sem nome observando, então chegamos mais perto da verdadeira compreensão.

Nesse processo é importante não buscar a autossuficiência, pois é o desejo de suficiência que faz um homem apegar-se ao conhecimento, ler mais e mais livros, acumular factos, o que parece dar-lhe uma posição e um sentimento de segurança. Mas deve chegar um tempo em que ele compreende que uma pessoa é exatamente aquilo que ela é, apesar de todo esse conhecimento e informação. Constatando isto, ocorre uma compreensão da inadequabilidade

da mente, do conhecimento, dos seus modos de ação. E então a pessoa diz a si mesma: “eu não sei”. Ela aprende a humildade, quando o coração começa a expressar-se, porque a mente não encontra a resposta.

A Teosofia é sabedoria, não é conhecimento. Mas o futuro teósofo deve também estar preocupado com o conhecimento, porque o conhecimento concetual tem alguma importância na vida dos seres humanos. O conhecimento pode impedir uma pessoa de entrar em contacto com a realidade, com a beleza e o significado da vida, se ele é compartimentado, mantido numa estante, não relacionado com os problemas do indivíduo, bem como da humanidade como um todo. Há um vasto número de pessoas em todo o mundo – físicos, engenheiros e outros – que estão unicamente ocupados em adquirir conhecimento a fim de aperfeiçoar as armas mortais com as quais a maioria dos países são equipados. Alguns desses cientistas são pessoas brilhantes, com um intelecto desenvolvido, e contudo as suas vidas são gastas apenas na descoberta dos meios através dos quais os políticos poderão destruir outras pessoas e o próprio ambiente. Este é o género de conhecimento que não está preocupado com o bem-estar e o progresso da humanidade. Similarmente, nas áreas religiosas, políticas e outras, as pessoas estão adquirindo conhecimento sem conexão com o bem-estar da humanidade. Se esse conhecimento tem uma aplicação de algum género, não há preocupação relativamente ao efeito que essa aplicação tem sobre as pessoas e sobre outras formas de vida.

Existe também o conhecimento que altera o modo de pensar, quer para melhor, quer para pior. Nos países orientais, as pessoas têm um conhecimento teórico da reencarnação. A reencarnação tem sido o pano de fundo do pensamento ao longo de gerações. Pelo facto de as pessoas sentirem que haverá uma vida após

outra para agir, elas caem muito facilmente na indiferença e na inércia. A letargia e a negligência, que são características de algumas delas, são parcialmente devidas a esta formação concetual. Esta pode ter sido a razão pela qual, embora nos seus primórdios o cristianismo aceitasse a verdade da reencarnação, mais tarde, decidiu deliberadamente não ensiná-la, devido ao seu efeito negativo em muitos.

Já o oposto é verdadeiro em países onde existe o conceito de uma única vida na qual tudo deve ser alcançado. As pessoas tentam desesperadamente fazer tudo nessa sua única vida, quer seja ganhar dinheiro, quer seja divertir-se. O modo de viver competitivo, de alta pressão, que é um sinal do mundo moderno, provém desta ideia. Assim, há desvantagens em ambas as visões. Por um lado, há materialismo, competição, agressão, desejo de elevar-se ao ponto mais alto, de ser bem-sucedido, e, por outro lado, apatia, indiferença, má vontade em esforçar-se, conversar sobre as coisas sem nada concretizar. Esses dois diferentes modos de viver surgem de dois diferentes conjuntos de conceitos. Portanto, os conceitos são importantes; não podemos abster-nos da necessidade de aprender a pensar de forma correta, a ver o universo de forma correta. No entanto, devemos ter constantemente em mente o facto de os nossos conceitos poderem estar errados e o facto de todos os conceitos serem muito limitados. O que nós compreendemos ao nível do pensamento não é a realização da verdade, pois o pensamento e o conceito podem estar completamente divorciados da vida e dos

relacionamentos. Assim, não devemos ficar satisfeitos com o pensamento, nem devemos rejeitar o reto pensar.

Todos sabemos que a sabedoria é diferente do conhecimento e dos processos do pensamento. O pensamento pode influenciar o que fazemos numa ocasião particular, mas a sabedoria produz uma transformação radical na nossa vida inteira. Ela leva-nos a uma profundidade na qual não há mudança. E se agimos a partir dessa profundidade, tudo é correto. Portanto, num certo sentido, a ação reta nada tem a ver com as circunstâncias. Quando calculamos os prós e os contras e pesamos as suas possíveis consequências, a ação que assumimos pode ser errada, ou pode ser correta. A ação infalível surge somente do fundo de nós mesmos, profundidade na qual a verdade pode ser descoberta.

Tentamos compreender o homem e o universo através dos nossos estudos, da investigação e através da discussão com uma mente aberta, não nos apegando com muita certeza ao nosso conhecimento, sempre compreendendo as nossas limitações. Mas é imensamente mais importante viver de forma correta e, desta forma, dar alguma coisa ao mundo, o que não podemos fazer através de nenhum género de ensinamento verbal, através da mera divulgação de conceitos. Se cada um de nós for um estudante da sabedoria, tentando diariamente transformar a sua vida através de uma maior compreensão, as nossas palavras terão em si o brilho da sabedoria. ∞

In The Theosophist, outubro de 1984

***Abimsa é uma qualidade positiva e dinâmica de amor universal, e não uma simples atitude de não-violência. Aquele que a desenvolve vive rodeado de uma invisível aura carregada de amor e de compaixão, embora não os expresse ao nível emocional.***

I. K. Taimini, in *A Ciência do Yoga*

# O Grande Paradoxo

H. P. BLAVATSKY

O paradoxo parece ser a linguagem natural do Ocultismo. Mais do que isso, o paradoxo parece penetrar profundamente no coração das coisas, e ser, assim, inseparável de qualquer tentativa de expressar em palavras a verdade, a realidade subjacente às aparências exteriores da vida.

E o paradoxo não se encontra apenas nas palavras, mas nas ações, na própria conduta da vida. Os paradoxos do ocultismo devem ser vividos, não apenas enunciados. Aqui reside um enorme perigo, porque é muito fácil perdermos na contemplação intelectual do caminho e, assim, esquecermo-nos de que só podemos conhecer o caminho, trilhando-o.

Um paradoxo surpreendente surge perante o estudante desde o princípio, fazendo-o confrontar-se com formas sempre novas em cada curva do caminho. Possivelmente, esse estudante procurou o caminho, desejando alguma orientação, uma regra sobre o que é correto para a conduta a ter na sua vida. O estudante aprende que o alfa e o ómega, o começo e o fim da vida são abnegação; e percebe a verdade do provérbio que afirma que, apenas na profunda inconsciência do esquecimento de si mesmo, podem a verdade e a realidade do ser revelar-se ao seu coração sedento.

O estudante aprende que esta é a única lei do ocultismo, ao mesmo tempo ciência e arte do viver, o guia para a meta que ele deseja alcançar. O estudante está repleto de entusiasmo e entra corajosamente na trilha da montanha. Então, o estudante descobre que os

seus instrutores não o encorajam nos seus voos ardentes de sentimento, no seu anseio pelo Infinito que o faz esquecer de tudo – no plano externo da sua vida e da sua consciência atuais. Pelo menos, caso não esfriem o seu entusiasmo, os seus instrutores apontam-lhe, como primeira e indispensável tarefa, vencer e controlar o seu corpo. O estudante descobre que lhe são atribuídas tarefas muito mais terrenas, longe de ser encorajado a viver nos pensamentos vacilantes do seu cérebro, e fantasiar que alcançou aquela atmosfera onde existe a verdadeira liberdade – com o esquecimento do seu corpo, das suas ações exteriores e da sua personalidade. Toda a sua atenção e vigilância são requeridas no plano externo; ele nunca deve deixar de dar atenção a si mesmo, nunca perder o controlo do seu corpo, da sua mente, do seu cérebro. Ele deve aprender a controlar até mesmo a expressão de cada aspeto seu, verificar a ação de cada músculo, controlar o mais leve movimento involuntário. A vida diária ao seu redor, e dentro de si mesmo, é apontada como objeto de estudo e de observação. Em vez de esquecer aquilo a que geralmente se chama insignificâncias, pequenos descuidos e erros acidentais da língua e da memória, ele é compelido a tornar-se, a cada dia, mais consciente desses lapsos, até que, finalmente, parecem envenenar o ar que ele respira e sufocá-lo, até lhe parecer perder de vista e perder o contacto com o grande mundo de liberdade pelo qual está lutando, até que cada hora e cada dia lhe pareçam repletos do gosto amargo do eu, e o seu coração se

sinta adoecer com a dor e a luta do desespero. E a escuridão é considerada ainda mais intensa, porque a voz interior grita incessantemente: “Esquece-te de ti mesmo. Está vigilante, para que não te centres em ti mesmo – e a gigante erva daninha do egoísmo espiritual firmemente se enraíze no teu coração; tem cuidado, tem cuidado, tem cuidado!”

A voz agita as profundezas do seu coração, porque ele sente que as palavras são verdadeiras. A sua luta diária e contínua ensina-o a perceber que estar centrado em si mesmo é a fonte do sofrimento, a causa da dor, e a sua alma está tomada pelo desejo de libertar-se.

Assim, o discípulo é tomado pela dúvida. Ele confia nos seus instrutores, porque sabe que através deles fala a mesma voz que ele ouve no seu coração. Mas agora eles pronunciam palavras contraditórias; uma, a voz interior, recomenda-lhe que se esqueça totalmente de si mesmo, em prol da humanidade; a outra, a palavra falada por aqueles de quem ele busca orientação, recomenda-lhe, primeiro, a controlar o seu corpo, o seu eu exterior. E a cada hora ele vê mais claramente como é difícil aquela batalha com a Hidra, e vê sete cabeças crescerem novamente no lugar de cada uma que ele decepou.

No começo, ele oscila entre as duas, ora obedecendo a uma, ora obedecendo à outra. Mas logo aprende que isso é infrutífero. Porque o sentido de liberdade e leveza que vem no início, quando ele deixa o seu eu externo sem vigilância para que possa procurar internamente ar puro, logo perde a sua intensidade e um choque súbito lhe revela que ele escorregou e caiu no caminho ascendente. Então, em desespero, ele lança-se sobre a traiçoeira serpente do eu e esforça-se por sufocá-la até à morte; mas os seus anéis espiralados, sempre fugidios, evitam as suas mãos; as tentações insidiosas das suas escamas brilhantes cegam a sua visão e, novamente, ele se envolve no turbilhão da

batalha que o vence dia após dia e que, finalmente, parece encher o mundo inteiro e apagar tudo o mais da sua consciência. Ele está perante um paradoxo avassalador, cuja solução deve ser vivida antes que possa ser realmente entendida.

Nas suas horas de meditação silenciosa, o estudante descobrirá que há um espaço de silêncio dentro de si, no qual ele pode procurar refúgio dos pensamentos e desejos, do tumulto dos sentidos, e das ilusões da mente. Ao mergulhar profundamente a sua consciência no seu coração, ele pode alcançar este lugar – a princípio, somente quando está só, em silêncio e na escuridão. Mas, quando a necessidade do silêncio cresce, ele procurá-lo-á mesmo no meio da batalha com o eu, e o encontrará. Porém ele não deve abandonar o seu eu exterior, nem o seu corpo; deve aprender a retirar-se para esta cidadela quando a batalha se torna árdua; mas precisa fazê-lo sem perder de vista a batalha; sem se permitir fantasiar que desta forma ele vencerá. Essa vitória apenas é conquistada quando tudo é silêncio fora e dentro da cidadela interior. Lutando deste modo, de dentro do silêncio, o estudante descobrirá que resolveu o primeiro grande paradoxo.

Mas o paradoxo ainda o persegue. Quando ele consegue retirar-se para dentro de si mesmo, ele busca este lugar apenas como refúgio da tempestade no seu coração. E à medida que luta para controlar os acessos de paixão e desejo, mais plenamente ele percebe as poderosas forças que se incumbiu de conquistar. Ele ainda se sente, quando não está em silêncio, intimamente afim com as forças da tempestade. Como pode a sua força insignificante competir com estes tiranos de natureza animal?

Esta pergunta é difícil de responder com palavras diretas – se é que, de facto, pode ser dada uma resposta. Mas uma analogia pode apontar o caminho onde deve ser buscada a solução.

Quando respiramos, colocamos uma certa quantidade de ar nos pulmões e, com isto, podemos imitar em pequena escala os poderosos ventos do céu. Podemos produzir uma débil imagem da natureza: fazer uma tempestade num copo de água, soprar como um tufão e até mesmo afundar um pequeno barco de papel. E podemos dizer: “Eu faço isto, isto é a minha respiração”. Mas não podemos soprar com a nossa respiração contra um furacão, menos ainda prender o vento nos nossos pulmões. No entanto, os poderes do céu estão dentro de nós; a natureza da inteligência que guia as forças do mundo está unida à nossa própria inteligência, e se entendermos isto e nos esquecermos do nosso eu, os próprios ventos poderiam ser nossos instrumentos.

Assim é na vida. Enquanto o homem se apegar ao seu eu exterior – e se apegar a cada forma que ele assume quando a sua ‘pele mortal’ é posta de lado – ele estará a tentar afastar um furacão com o sopro dos seus pulmões. Tal esforço é inútil e vão; porque, cedo ou tarde, os grandes ventos da vida o dominarão. Mas se ele mudar a sua atitude dentro de si mesmo, se ele agir sabendo que o seu corpo, os seus desejos, as suas paixões e o seu cérebro não são ele mesmo – embora ele os tenha a seu cargo, e por eles seja responsável – se tentar lidar com eles como partes da natureza, então poderá ter a esperança de tornar-se uno com as grandes marés da existência e alcançar, finalmente, o lugar pacífico do esquecimento de si mesmo.

∞

H. P. B., *Collected Writings*, Volume 8, páginas 125-129

*A primeira condição para se obter o autoconhecimento é tornar-se profundamente consciente da ignorância; sentir com cada fibra do coração que cada um de nós incessantemente se autoilude.*

*O segundo requisito é a convicção ainda mais profunda de que tal conhecimento – tal intuitivo e determinado conhecimento – pode ser obtido através de esforço.*

*O terceiro e mais importante requisito é uma indômita determinação para obter e enfrentar este conhecimento.*

*Este autoconhecimento não é obtido por aquilo a que o homem habitualmente chama “autoanálise”. Não é alcançado pelo raciocínio ou por qualquer processo mental; porque esse autoconhecimento é o despertar da consciência da natureza Divina do homem.*

*Obter um tal conhecimento é uma realização maior do que dominar os elementos ou conhecer o futuro.*

Autoconhecimento

[autoria algo incerta, mas provavelmente de H.P.B.]

H. P. Blavatsky, *Collected Writings*, Vol. 8, pág. 108

[*Lúcifer*, Vol. I, Nº 2, outubro, 1887, pág. 89]

# O Impacto da Meditação na Vida Espiritual

DANIELLE AUDOIN

Uma vez que a palavra meditação pode ser interpretada de diferentes modos, vamos aqui considerar a meditação enquanto exercício e não como um fim em si mesma. E tentaremos dar-nos conta de que essa prática, mesmo que imperfeitamente realizada, tem um impacto sobre a vida espiritual, desde que seja realizada com regularidade e de forma desinteressada.

A meditação enquanto exercício visa desenvolver ao mesmo tempo a calma e a acuidade do mental. Um erro que se tem espalhado na nossa época é o de procurar na meditação apenas a calma do mental. Muitas pessoas buscam uma escapatória das preocupações e problemas psicológicos que os perseguem. São-lhes propostas técnicas às quais é dado o nome de meditações, que funcionam como tranquilizantes e adormecem o mental. Tal pode ser agradável, mas esses exercícios não terão qualquer impacto sobre a vida espiritual. O mental deve ser apaziguado, mas ao mesmo tempo permanecer alerta, acutilante, para que se realize esse despertar interior que é a característica da vida espiritual.

Durante o nosso exercício de meditação, devemos portanto tentar, ao mesmo tempo, tornar mais lento o ritmo dos nossos pensamentos e desenvolver uma qualidade de atenção cada vez mais acutilante. Tal realiza-se na concentração.

O que é a concentração? É um exercício que tende a fixar a atenção sobre um ponto específico. Mas o esforço não deve ter como

objetivo excluir tudo o resto. O esforço deve consistir em desenvolver e intensificar a atenção. Quando a atenção é suficientemente grande, o mental permanece fixo sem constrangimento sobre o objeto de observação. A exclusão de distrações realiza-se naturalmente.

Se formos obnubilados pelo medo das distrações e desenvolvermos uma vontade rígida para limitar o objeto da meditação, esta pode tornar-se estéril, porque se encontra separada da vida, encerrada num espaço completamente fechado, a partir do qual passamos todo o tempo a vigiar portas e janelas, negligenciando o objeto que procuramos proteger.

Inversamente, se nos aplicarmos numa atenção total, não construímos barreiras e o objeto da meditação pode revelar a sua infinita profundidade e a sua unidade com o Todo. Os pensamentos poderão passar no campo de observação sem perturbar o observador. Alguns pensamentos poderão ser incluídos na observação. Mas não haverá distração, mesmo que não haja qualquer esforço de exclusão.

É a atenção que torna o mental sensível, alerta e desperto. Devemos evidentemente exercitar-nos ao longo de todo o dia. Da mesma forma, temos de nos treinar para tornarmos mais lento o fluxo dos pensamentos e diminuir a sua dispersão. Mas é durante a nossa meditação que tomamos consciência da nossa falta de atenção e da nossa instabilidade mental. E nisso, nessa meditação, mesmo que aparentemente pareça uma desilusão, reside já um impacto sobre a vida espiritual, uma vez que

nos faz tomar consciência do trabalho a fazer sobre nós mesmos ao longo da vida quotidiana.

Numerosos estudantes abandonam a prática da meditação sentada, alegando que não conseguem realizar o silêncio interior. O impacto da meditação não deve ser procurado no resultado aparente e imediato desse exercício, mas na vida quotidiana. Todo aquele que pratica regularmente este exercício, purifica e torna mais sensíveis os seus diferentes veículos, mesmo que não tenha disso consciência. Não tem disso consciência, porque a transformação é lenta e não se vêem os seus resultados de um dia para o outro. Mas o facto é certo. Sob o efeito deste exercício, o mental purga-se gradualmente das manchas nascidas da identificação com o “eu mesmo” e das motivações pessoais que daí decorrem.

Não devemos pensar que a nossa vida se tornará espiritual apenas quando soubermos meditar. Nem, inversamente, devemos imaginar que possamos levar uma vida espiritual sem a mínima aproximação à meditação. Uma pessoa que consagra cada dia alguns minutos à sua meditação, não tem que se

interrogar sobre se terá êxito ou se falhará. Nela se faz um trabalho, um labor, porque uma prática regular e desinteressada tem sempre um efeito purificador. A única questão que devemos colocar a nós próprios é a seguinte: “a minha prática é regular e desinteressada?”. O resultado não é assunto para o pequeno “eu”. Quando dizemos “gostava tanto de saber meditar!”, exprimimos um sonho impossível. É uma satisfação que o pequeno “eu” nunca terá, pois quando há meditação, não como exercício, mas como tomada de consciência do “ego” [“Soi”, no original francês], não mais haverá “eu” para dizer “eu sei meditar”.

Não devemos meditar para “saber meditar” mas porque a meditação transforma o mental, pacificando-o e tornando-o mais puro e mais subtil. Então, ele deixa de ser o destruidor do real. Pode tornar-se o transmissor da luz da verdade e permitir a eclosão da nossa natureza divina. Aí reside o impacto da meditação sobre a nossa vida espiritual. ∞

In *Le Lotus Bleu*, abril de 2014

*Durante a meditação, o entendimento alimenta-se de materiais recolhidos pela vida e pelo pensamento. Uma predisposição habitual para o pensamento profundo e, se possível, uma certa soma de atitudes pacientes serão consequentemente do maior valor, como ajuda subconsciente à meditação. Um espírito compreensivo, um coração ardente, formam o combustível que se inflamará sobre o altar da meditação.*

Clara Codd

*Se o vosso coração se dispersa ou se se deixa distrair, trazei-o docemente de volta ao centro... Mesmo que durante uma hora, nada mais tenhais feito do que reunir no vosso coração aquilo que se dispersou após cada nova distração, a vossa hora terá sido bem preenchida.*

São Francisco de Sales

# Ioga é a dissolução de todos os centros de reação da mente

ROHIT MEHTA

***Ioga é a dissolução de todos os centros de reação da mente.***

*(yogah cittavrtti nirodah)*

*(Sutra 2 da Secção I – Samadhi Pada – dos Ioga Sutas de Patanjali)*

Este é um dos mais famosos sutras de Patanjali e fornece a diretriz de todo o tratado sobre Ioga [Ioga Sutas de Patanjali]. Neste sutra, Patanjali oferece uma definição muito clara sobre o assunto. De acordo com Patanjali, Ioga é um estado da mente completamente livre de todas as tendências reativas. Neste contexto, a mente deve ser considerada não apenas como um instrumento de um processo de pensamento, mas como um campo onde o pensamento e a emoção funcionam em simultâneo. Por meio das suas atividades emotivas e do pensamento, a mente constrói certas tendências, as quais são descritas como *vrttis* neste segundo sutra da primeira secção dos Ioga Sutas. Tais tendências são os sulcos da mente nos quais o fluxo de pensamento-emoção inevitavelmente flui e poderiam ser, com maior propriedade, chamadas hábitos da mente. Sabe-se que estes hábitos são os centros de reação formados na mente. Através da formação destes hábitos, a mente e as suas atividades exibem características de impulsos reativos. Até mesmo um exame casual das atividades da mente convenceria qualquer um de que os nossos pensamentos são as nossas reações a impactos que colidem com a nossa consciência. Quando dizemos que estamos a

pensar, estamos, na verdade, envolvidos num processo de reação. Com o passar do tempo, esses centros de reação tornam-se mais e mais fortes. Forma-se dentro da mente uma cadeia de reações. Estas tendências reativas tornam-se os nossos hábitos. A tal ponto a elas nos acostumamos, que começamos a considerar o hábito como a nossa segunda natureza. Na verdade, essa segunda natureza transforma-se na nossa única natureza, pois somos alheios a qualquer condição da mente que seja livre de centros reativos. É óbvio que esta segunda natureza é a nossa natureza adquirida – construída através de repetidas reações no decorrer do tempo, não importando o padrão dessas reações. Patanjali diz que o Ioga consiste em dissolver esses centros de reação. Devemos lembrar que ioga não significa o desenvolvimento de novos hábitos em oposição aos antigos. O Ioga requer a dissolução do próprio centro do hábito. Uma mente na qual não existe centro de reação ou hábito é uma mente realmente livre. Assim, o Ioga é o estado da mente completamente livre – não uma mente livre apenas de certos maus hábitos, por assim dizer. Qualquer hábito, mau ou bom, condiciona a mente. Se o Ioga liberta a mente de todos os centros de hábito, aponta certamente, então, para um estado no qual a consciência é pura e inocente, sem vestígio algum de condicionamento. Além de ser uma mente não-corrompida, isenta de todas as tendências corruptivas de reação, é também uma mente incorruptível. Se uma mente é livre de certos hábitos, ela pode, então,

ser não-corrumpida por algum tempo, mas, se os centros do hábito ainda existem, tal mente não-corrumpida tornar-se-á, logo, corrompida. Ter uma mente incorruptível é sugerir que nela não existe centro de reação ou hábito. Uma mente assim está estabelecida no Ioga. Sem centro de hábito, está sempre nova.

Quando todas as tendências de uma natureza adquirida são negadas, a mente retorna ao seu estado original de inocência. Na verdade, realizar um encontro com este estado original é o objetivo e o propósito do Ioga. ∞

In *Yoga, a arte da integração*, Rohit Mehta

*Vós não sois nada. Podeis ter o vosso nome e o vosso título, os vossos bens e a vossa conta bancária, podeis ter poder e ser famosos; mas, apesar de todas estas defesas, vós não sois nada. Podeis estar completamente inconscientes deste nada ser, ou podeis simplesmente não querer dele estar conscientes; mas ele está aí, fazeis vós o que fizerdes para o evitar. Podeis tentar escapar-lhe de diversas maneiras, através da violência pessoal ou coletiva, do conhecimento ou da diversão; mas, quer estejais adormecidos, quer estejais despertos, ele está sempre lá. Podeis chegar à vossa relação com este nada ser e com o medo por ele provocado, apenas se estiverdes conscientes das fugas de um modo que não inclui escolha. Não estais relacionado com esse nada como se fosseis uma entidade separada, individual; não sois o observador que o observa; sem vós, o pensador, o observador não existe. Vós e o nada ser são apenas um; vós e o nada ser são um fenómeno conjunto, não dois processos separados. Se vós, o pensador, o receais e vos aproximais dele como algo contrário e oposto a vós, então qualquer ação que tomeis em relação a ele conduzirá, inevitavelmente, à ilusão e desta forma a mais conflito e sofrimento. Quando acontece a descoberta, a experimentação desse nada ser como sendo vós mesmos, então o medo – que só existe quando o pensador está separado dos seus pensamentos e tenta portanto estabelecer uma relação com eles – desaparece por completo.*

In *A vida*, J. Krishnamurti

# Consciência e Teosofia

JOSÉ ANTÓNIO ALVES

## **A** Estrutura da Vida

A vida está fundada na ordem e no caos. Este caos produz alguns padrões, a que podemos chamar dessincronizações, mas elas serão posteriormente reintegradas na ordem. Podemos dizer que há duas leis, que a Teosofia denomina Lei da Vibração e Lei da Ordenação. Tudo vibra em frequências variadas, dando a sensação de desordem e caos, mas finalmente tudo volta à unidade de forma ordenada.

A própria explosão do Big Bang deu origem ao caos inicial, inimaginável para as nossas mentes, mas lentamente tudo ganhou a ordem existente no Universo e que hoje todos podemos contemplar, pois as galáxias não colidem umas com as outras, tudo acontece como se obedecesse a um programa previamente planeado, levando a que Descartes tivesse comparado o funcionamento do Universo a um mecanismo de relógio.

Em muitos níveis, o corpo humano é completamente caótico. A cada inspiração, milhões de átomos de oxigénio em turbilhão penetram na corrente sanguínea; outros tantos triliões de proteínas e de enzimas inundam cada célula, e até os disparos dos neurónios cerebrais se assemelham a uma enorme tempestade, quase diríamos incessante. No entanto, esta aparente desordem é apenas a outra face da mesma moeda que é a ordem. Na verdade as nossas células são obras maiores de boa organização e a tempestade caótica do nosso cérebro dá lugar a pensamentos organizados e com sentido. E todos estes processos ocorrem sem que, na maioria dos casos, tenhamos sequer que pensar

neles. Digamos que é a parte inconsciente do nosso ser que os processa.

Qual será a força misteriosa que faz mover as galáxias, que faz os corações humanos bombear o sangue para todo o organismo, que faz as sementes germinarem e darem lugar às árvores, às flores e aos frutos, que faz os espermatozoides se movimentarem sozinhos quando observados ao microscópio, sem aparentemente existir nada que os impulse, que faz os neurónios estarem permanentemente envolvidos em tempestades neuronais?

A resposta a estas questões parece evidente. Podemos dar-lhe o nome que entendermos, Deus é o mais comum, o “sempre não manifestado”, a divindade, a consciência, a fonte – o nome aqui não é o mais importante.

## **Como se Processa a Vida**

Quando alguém olha para uma estrela, a única forma de a ver, é a luz da estrela penetrar nos seus olhos. Feixes de luz da estrela fluem continuamente de um lugar para o outro, como fios invisíveis. O que é uma estrela senão luz? Se o que está na estrela é luz, se os feixes de luz também são a própria luz, então podemos afirmar que não existe separação alguma entre nós, que observamos, e a própria estrela. Ambos fazemos parte do mesmo campo de luz, pois somente as partículas da mesma natureza interagem entre si. Caso contrário repelir-se-iam.

Quando nos libertamos do ego, libertamos-nos da memória. Estas memórias foram-nos inculcadas pela sociedade, pelos pais, professores e amigos, inculcando-nos a ideia de “eu” e “tu”,

“nós” e os “outros”, completamente separados. Mas, quando nos vemos como seres de energia, compostos por átomos, fótons, neutrões, neutrinos, e meditamos serenamente sobre isto, desaparecem as distâncias e vemo-nos como aquilo que somos: pequenas partículas de um todo mais vasto, gotas de água do imenso oceano cósmico.

Mas como sabemos estas coisas? E como saberemos se elas são verdadeiras ou falsas? Como poderemos nós integrá-las nas nossas vidas como sendo verdadeiras, tornando-as parte dos nossos seres? Ou, se falsas, recusá-las?

Os Mestres de Sabedoria, desde tempos imemoriais, através da sua evolução espiritual e capacidades intuitivas, sempre disseram que a vida é una, que todos somos apenas um e somos membros do mesmo organismo que é a vida. Os Upanishads dizem taxativamente: “Vós sois Aquilo”. Jesus disse: “Vós sois todos filhos de Deus”.

Modernamente os cientistas da nova física (a física quântica) vêm fazer coro com os ensinamentos espirituais de todos os tempos. Os conhecimentos desta nova física puseram em ‘estado de sítio’ todos os outros fornecidos pela física clássica. Esta, mesmo perante evidências cada vez maiores, mostra-se renitente na aceitação da realidade que os novos cientistas vêm descobrindo.

Jesus dizia que tudo aquilo que fizéssemos ao mais pequeno dos nossos irmãos, seria a ele que o faríamos. Queria dizer, certamente, que se todos somos gotas deste imenso oceano, alguma alteração que se possa fazer numa dessas gotas, é a nós próprios e ao oceano que a fazemos.

Buda disse que uma das causas para o sofrimento humano é o apego que temos às coisas transitórias. Ora, como todos sabemos, aquilo que em nós é imortal é o Eu Superior e não o corpo físico e os bens materiais. Se estamos pegados a estes últimos, estamos

a viver em contra ciclo, em relação ao sentido da vida.

Einstein afirmou: “Os seres humanos só poderão alcançar uma vida harmoniosa e gratificante se conseguirem renunciar, dentro dos limites da natureza humana, ao esforço de satisfazer os desejos de ordem material.”

Mas para que estes Seres pudessem fazer estas afirmações, tiveram que refletir imenso sobre a vida e todas as suas implicações. Tiveram que ter consciência de si próprios, da vida que nos rodeia, do tempo e do espaço onde a mesma ocorre e do processo através do qual ela se manifesta.

É aqui que nos recordamos também de Krishnamurti, que abordou tantas vezes a temática do observador, da coisa Observada e do processo de observação, como sendo o fundamental para o conhecimento da realidade e de como esta revela todos sermos um só.

Este tipo de raciocínio permite-nos saber que, ter consciência é ser a consciência cósmica ela própria. Tal como o exemplo da luz das estrelas, que é captada pelos olhos humanos, nos permite saber que também somos luz, pois de outra maneira não seria possível captá-la, só sendo consciência pura teremos capacidade de fazer parte da consciência e de a apreender.

Tomemos um pequeno exemplo simples, retirado do livro Deus não morreu, do físico Amit Goswami, ao descrever como um arquiteto concebe a realização de uma casa: “Ele começa por ter uma ideia. Numa segunda fase, o arquiteto fará um esboço dessa ideia. E só então começará a construir uma casa material, a partir dos seus componentes físicos”.

Se toda a humanidade foi feita à imagem e semelhança do criador, como nos é dito na Bíblia, é natural que o ser que foi criado imite o pai quando se trata também de criar.

A consciência cósmica ou, na designação dos novos cientistas, a consciência quântica, trabalha

da mesma forma que um arquiteto ao criar a vida. Primeiro conceberá a ideia, no domínio mental. Depois, quando efetuar os esboços, terá em conta as possibilidades na área da energia sutil, ou dos arquétipos de Jung ou Platão. Finalmente, já na energia física, processam-se as possibilidades materiais para serem representadas fisicamente, utilizando-se os campos morfogénicos de Sheldrake como moldes.

É neste campo, de todas as possibilidades, e desta forma, com os campos morfogénicos, em que as próprias células adquirem diversas especializações, que o arquiteto celestial trabalha. Agora com os novos conhecimentos da ciência, podemos verificar, nas palavras de Amit Goswami, que “a realidade física é a forma, o órgão, tal como qualquer biólogo reconhece e qualquer um pode verificar. Mas existe ainda o campo morfogénico, oculto na psique de quaisquer seres vivos, originando a sensação de estar vivo a que Bergson apelidou de *elo vital*”. E não nos diz a Teosofia que o Fohat tudo impulsiona e move? Não se estará aqui a falar de coisas semelhantes, embora com palavras diferentes?

A consciência (tudo o que existe) é a base de toda a existência, inclusive a matéria e o cérebro. A consciência precede a experiência, dispensando qualquer objeto e qualquer sujeito. A esta forma de ver e fazer ciência os novos cientistas denominaram causalidade descendente.

Os campos morfogénicos, os esboços arquétípicos e os saltos quânticos (ou a descontinuidade) são as provas científicas da existência da Divindade, segundo Amit Goswami.

Genes (incluindo os do ADN) que transformam os aminoácidos em proteínas, o citoplasma e o espaço das células, onde tudo isto funciona, são os ingredientes que a Divindade utiliza para dar sentido e forma à vida.

Continuando a citar Amit Goswami, “a magia da vida deriva de três fatores: 1) a causalidade descendente, da criatividade divina, cria:

2) a hierarquia enredada na organização da célula viva, permite o colapso quântico (a manifestação) autorreferencial da célula, e tudo graças: 3) ao esboço vital (o arquétipo) a partir do qual se faz uma representação física.”

Não é isto o que dizem os cientistas clássicos darwinistas ou os neodarwinistas. Dizem que a vida não tem qualquer sentido específico, antes derivando do acaso fortuito. Eles propugnam a evolução lenta das formas físicas, tendo em conta a lei do mais forte nos acasalamentos. Como são os mais fortes que acasalam, transmitem os seus genes à descendência. E a evolução far-se-ia assim lentamente. Quando ocorrem novas descobertas fósseis, aí os encontramos, aguardando pacientemente para encontrar o célebre “elo perdido” que lhes possibilite uma explicação mais cabal para deciframos a vida.

Mas o que são estes elos perdidos? São as aparentes lacunas de vestígios geológicos entre diferentes formas de vida, das mais simples às mais sofisticadas. Eles são aos milhares entre formas de vida intermédias. E são bem reais.

Os neodarwinistas continuam a afirmar que essas lacunas nada significam, aspirando a que elas sejam preenchidas pelas novas descobertas.

Existem também aqueles que seguem literalmente os textos sagrados (por exemplo o Génesis bíblico), os quais afirmam que Deus terá criado a vida de uma só vez. Os fósseis e os elos perdidos nada significam.

Mas os místicos de todos os tempos, os teósofos e outros espiritualistas, e agora os cientistas na nova ciência, não dizem tal. Aliás, será uma pura miopia continuar a defender coisas que os novos conhecimentos não confirmam. Como afirmou Abraham Maslow, com evidente ironia: “suponho que seja tentador, quando a única ferramenta que se possui é um martelo, tratar tudo como se fosse um prego”.

Enquanto a evolução materialista de Darwin é lenta e contínua, a evolução proposta

e constatada pela física quântica é processada por saltos quânticos. O que são estes saltos? Quando os elétrons se movem de órbita em órbita em torno do núcleo, não se movem no espaço como objetos comuns, movem-se instantaneamente. Ou seja, desaparecem de um sítio, uma órbita, e aparecem noutra. A isto se dá o nome de salto quântico. Para complicar ainda mais esta questão, não se sabe onde irá aparecer o electrão, nem quando irá saltar. O melhor que se consegue fazer é calcular as probabilidades da nova localização do electrão, através duma fórmula matemática complicada que não entra nesta explanação. E o que faz um electrão ao ser localizado? Colapsa, na linguagem da nova ciência, ou aparece e manifesta-se, numa linguagem mais simples. E o que o faz manifestar-se ou aparecer? A observação humana. E este é o processo que origina a criatividade. Algo que aparentemente aí não estava, surge como que por magia. Tais são os ‘eureka’ dos cientistas, dos criadores de arte.

Ou seja, ao nível material, não se nega a teoria evolucionista. Mas esta não provoca uma mudança para algo de novo e de significativo. A matéria não consegue originar significado. Ou seja, a mente não pertence ao cérebro, sendo independente deste. A mente é o órgão que proporciona a atribuição dos significados às experiências. Mas deverá haver algo que efetue a ligação de uma (a mente) ao outro (cérebro). O que poderá ser? A resposta só pode ser um deus quântico. Nas palavras de Amit Goswami: “Deus enquanto consciência quântica provoca o colapso das ondas de possibilidades tanto no cérebro como na mente, de modo a experimentar o significado mental, ao mesmo tempo que elabora uma memória cerebral.”

Concluindo, diremos, citemos o professor Amit Goswami: “não existem vestígios fósseis das fases intermédias, porque não existem fases intermédias”. Vemos assim, agora com

clareza, que os elos perdidos são apenas provas da criatividade biológica, de saltos quânticos na evolução. Ora isto constitui uma “prova espetacular da existência de Deus (enquanto consciência quântica) e da sua criatividade”. Graças ao paradigma quântico, podemos dispensar o dualismo. Os esboços (os campos morfogénicos), os genes programáveis e a forma que estes criam, existem somente enquanto potencialidades. Deus, ou a consciência quântica, cria uma ligação, como no caso da ressonância, e a realidade entra em colapso, ou seja, aparece, ou ainda, manifesta-se.

Entre muitas outras provas que poderíamos citar para demonstrar aos céticos a existência da consciência divina, podemos citar o amor. Mesmo o amor comum e até o amor romântico. O amor possui todas as três condições e qualidades dos comportamentos quânticos: descontinuidades e saltos quânticos; não-localização e a hierarquia entrelaçada – o observador, a coisa observada e o processo de observação. Graças a estas “assinaturas cósmicas” é que nos apaixonamos, e quase ninguém tem dúvidas quanto ao facto de se sentir apaixonado. Assim sendo, todos nós, bem no fundo da nossa essência, nos comportamos sob a influência e com estes registos divinos. Deus é o criativo divino que coordena e orienta a evolução através dos saltos quânticos.

### **Física Quântica e Teosofia**

O que faremos nós com estes conhecimentos? Como poderemos transformá-los em sabedoria?

Já dizia o senhor Jinarajadasa que até uma criança de sete ou oito anos pode compreender a Teosofia. Um adolescente também, claro. A questão é, como reverteremos todos estes conhecimentos para mudarmos a nossa vida? Quando poderemos começar a evoluir em pequenas coisas para darmos esse tal salto quântico, que na Teosofia poderíamos chamar “iluminação”?

Quando olharemos as outras pessoas, para além das partículas, dos saltos quânticos, das hierarquias enredadas, como seres humanos, irmãos cósmicos e de caminhada, mesmo que estejamos em estados evolutivos diferentes? Quando iremos nós dar esse salto que nos proporcione sermos e assumirmos a nossa inteira realidade de almas em corpos humanos? Quando será possível que a humanidade ponha de lado o paradigma do “ter”, adotando o novo paradigma do “ser”? Quando será possível que a humanidade ponha de lado a ilusão de se sentir separada de tudo e de todos e consiga, finalmente, sentir e perceber que é por causa desta ilusão que se originam todas as outras?

A manutenção deste paradigma não será também responsável pela falta de amor com que lidamos uns com os outros? Como se poderá reintroduzir a ética e o amor nas nossas sociedades? Como ensinar às nossas crianças os valores morais, quando a ciência oficial e materialista afirma que os valores não derivam do mundo? Como acabar com as diferenças entre ricos e pobres, para que estes possam utilizar as suas mentes para processarem significados, em vez de as utilizarem apenas para a sobrevivência? Não terá também a ver com o facto de estarem assentes neste velho paradigma, a constante degradação ambiental, quer a poluição mental, a das águas, do ar e todas as outras? O mesmo não acontece com o aquecimento global e outras catástrofes ecológicas? Porque é que existem tantos políticos e dirigentes públicos corruptos? Como poderemos proteger a democracia da influência financeira dos interesses do “ter”? E como iremos proceder para evitarmos aprofundar os fundamentalismos, também estes assentes no “ter” – ter razão, saber melhor interpretar os textos sagrados, numa forma literal, etc.?

Aqui chegados, regressemos a Jinarajadasa. Este afirmava que a mente sozinha chegava para a compreensão da Teosofia. Mas para a viver

são necessárias a própria mente, as emoções e a intuição. Para vivermos de facto a Teosofia, precisamos de ir ao âmago da nossa natureza interna e das verdades que a mente aceita como lógicas. Segundo Jinarajadasa, essa natureza interna só se revela à medida que tenhamos emoções purificadas e aprendamos a exercitar a intuição. Se a Teosofia fosse apenas uma teoria intelectual criada por cérebros esclarecidos, então as nossas mentes seriam suficientes. A Teosofia pode ser comparada ao sentido oculto que há num poema sublime e que se revela nas vibrações que provoca em quem o ouve, lê ou escreve. Afirma Jinarajadasa que, só quando conseguimos, dentro de nós, sentir esse apelo que a Teosofia faz no interior de cada um, será possível começarmos a mudar a nossa vontade, o nosso carácter e começarmos a agir em conformidade com esse apelo.

Se a nossa compreensão da Teosofia se limitar ao intelecto, então a Teosofia fica entre nós como uma crença intelectual. E se somos apenas seres emotivos? Então a Teosofia permanecerá em nós como uma espécie de religião. Só quando a Teosofia se manifestar dentro de nós como um ponto de apoio, como um espelho que nos permita ouvir e sentir os apelos e rasgos da alma, criaremos de novo a Teosofia viva, e vivificadora.

Termino com mais uma citação de Jinarajadasa: “para viver a Teosofia, devemos transformar-nos em cientistas, em filósofos, em crentes, em artistas, filantropos, líderes, amantes, e tudo isso em simultâneo. Nenhum de nós é tudo isso ao mesmo tempo. Daí que, necessariamente, fracássemos na arte de viver a Teosofia na sua plenitude. É assim que hoje em dia podemos viver a Teosofia, embora somente em parte. Chegará o momento em que tal seja possível devido ao nosso estado evolutivo.” ∞

Comunicação realizada na S.T.P., abril de 2010

# A Teosofia Aplicada à Vida Quotidiana

MARIA DE LURDES RODRIGUES

Como se sabe, a Sociedade Teosófica foi fundada por Helena Blavatsky e Henry Olcott, na cidade de Nova Iorque, em 1875; o seu objetivo era difundir a Teosofia (ou Sabedoria Divina) no mundo ocidental.

A Teosofia surgiu assim no século XIX, numa época em que o materialismo, o egoísmo, a ignorância e o fanatismo reinavam em absoluto. Mas a sua missão era trazer a luz, despertar as mentes e desenvolver no homem a consciência da sua herança divina, da sua completação como alma, da fraternidade universal. Desde então, a Sociedade Teosófica tornou-se um espaço privilegiado, na concretização desse ideal.

Disse Helena Blavatsky: “A Teosofia, na terra, é como a luz branca, sendo cada religião apenas uma das sete cores do espetro” (a luz atravessando o prisma) (in *A Chave da Teosofia*); e ainda: “A Teosofia é a natureza divina, visível e invisível, e a Sociedade Teosófica é a natureza humana a tentar ascender à sua origem divina.” (Obra citada).

É neste contexto que vos apresento a alegoria que é como que a parte subtil da concretização destas ideias.

“(…) Do Oriente, surgiu a Palavra:

Abri a Porta a todos os filhos dos homens

Que vêm do escuro vale da terra e que procuram entrar no Templo da Sabedoria Eterna!

Dai-lhes a Luz!

Descerrai o véu do Santuário Interno e, com o trabalho dos operários divinos, alargai o Templo e iluminai o mundo!”

Assim, a Luz será a Teosofia; a Porta (do Templo) será a Sociedade Teosófica; os operários divinos serão os fundadores da S.T. e todos aqueles teósofos que, desde então, incarnando o ideal teosófico, estão ao serviço da humanidade (para alargar o Templo e iluminar o mundo).

O tema deste Seminário *A Teosofia Aplicada à Vida Quotidiana* traz-nos uma reflexão sobre: como estamos, no presente, a vivenciar esta herança, e o que é que devemos fazer para dar a conhecer os conceitos teosóficos; essa realidade que nos faz apreender que o homem é matéria e espírito, vivendo no tempo e na eternidade.

Nesta primeira década do século XXI, temos a visão de uma grande crise de humanidade e, igualmente, de uma forte ausência de espírito de fraternidade.

Acentua-se a crise mundial gerada pela globalização, agudizada pela corrupção e pelo egoísmo, que vão alimentando a ignorância, as guerras, a violência, os medos e, consequentemente, a pobreza e a fome.

O desenvolvimento científico e tecnológico, a política, a economia, as religiões e a cultura não foram capazes, até hoje, de resolver os problemas básicos desta humanidade sofredora, da qual fazemos parte.

Os antigos ‘poderes’ morais, religiosos e político-sociais foram-se diluindo na liberdade das democracias. A educação dos mais jovens desagregou-se e o atual modelo de instrução/informação não corresponde às necessidades intrínsecas do ser humano. A crise económica estendeu-se pelo mundo, qual pandemia...

E, na verdade, esta visão de uma sociedade que se desmorona diante dos nossos olhos, traz muita insegurança e, para muitos, a existência deixou mesmo de fazer sentido.

É certo que já não estamos no século XIX. Mas as pessoas confrontam-se, do mesmo modo com muitos problemas, em diferentes níveis – existencial, psicológico, social, político e outros, que não deixam de ser uma consequência da ignorância, do medo, do egoísmo e da separatividade, e que produzem sentimentos de injustiça, de revolta, de exclusão, de violência. E, na verdade, quão poucos são aqueles que conhecem as leis universais, que compreendem a justiça da dor e procuram encontrar as melhores soluções!

Para onde vamos? Poderemos nós, como teósofos, estudantes de Teosofia, membros da Sociedade Teosófica, no nosso dia-a-dia, ajudar a iluminar o caminho dos nossos irmãos que sofrem e que procuram um sentido para a sua vida? Como aplicar a Teosofia na nossa vida cotidiana? Qual é o nosso dever?

A uma pergunta sobre o dever, Helena Blavatsky respondeu: “O dever é aquilo que é devido à humanidade, aos nossos semelhantes, vizinhos, família e, sobretudo, aquilo que devemos a todos aqueles que são mais pobres e estão mais desamparados do que nós. É uma dívida que, se não for paga durante a vida, fará de nós insolventes espirituais e falidos morais na nossa próxima incarnação. A Teosofia é a quintessência do dever.” (Obra citada)

Ora, o conhecimento e a compreensão das leis da evolução, da reencarnação, do karma e da unidade da vida, largamente difundidos, compreendidos e aceites, acabariam com as condições deploráveis em que vive a maior parte da humanidade.

Logo, o estudo da Teosofia e a difusão dos seus altos ideais serão, na prossecução dos objetivos da Sociedade Teosófica, um dever e um serviço a prestar à humanidade.

Podemos não ter ainda desenvolvido as capacidades de uma boa oralidade ou escrita para fazer conferências públicas, mas podemos, aplicando os conhecimentos teosóficos, aproveitar todas as oportunidades para falar de Teosofia com as pessoas, explicar-lhes as leis universais, despertar-lhes o interesse pelos temas, mais particularmente aos jovens, aos que precisam de ajuda e/ou aos que querem iniciar o caminho do autoconhecimento, tendo sempre em conta o nível de consciência dessas pessoas e os problemas que evidenciam. São tantos os que, por razões várias, se interrogam: Porque sofremos? Quem sou?

Nesta prática, é preciso conhecer, saber e saber ensinar o sentido da vida e, igualmente, o sentido da morte. Todos nós, os que conhecemos as leis universais, somos mais responsáveis, mas, ao mesmo tempo, mais livres e mais felizes. E é essa liberdade e felicidade que devemos partilhar com os outros em cada dia, em cada momento.

Tendo presente a importância do primeiro objetivo da Sociedade Teosófica – o objetivo da Fraternidade Universal – devemos, como seres mais conscientes e mais integrados, através do estudo e meditação, expressar sempre esse objetivo nas nossas ações, sentimentos e pensamentos, procurando influenciar a mente e o coração dos que nos cercam.

Podemos também aproveitar a vasta literatura teosófica, na diversidade dos seus autores, para oferecer livros sobre os temas que podem clarificar as dúvidas e as interrogações já referidas, se tivermos meios para tal, ou emprestando livros e dando um pouco do nosso tempo, para uma análise mais aprofundada em conjunto. Uma leitura que faça pensar e que permita a alguém apreender as verdades de que suspeitava, mas que não sabia formular, pode fazer um bem considerável e ser um ponto de viragem na vida dessa pessoa.

Cada um de nós deve tornar-se um ‘modelo’, ser um espelho onde o ideal teosófico esteja refletido e no qual todos os outros possam vislumbrar nele a sua própria natureza espiritual.

Devemos, assim, esforçar-nos por ser, individualmente ou em grupo, um centro de ação e de irradiação do amor, da verdade e da beleza, que possa viabilizar a regeneração da humanidade, rumo à consciência do eu divino.

A ciência vai trazendo, ainda que muito lentamente, a confirmação de verdades teosóficas já conhecidas. Mas sabemos que essas respostas não chegam para as necessidades do momento; as gerações do século XXI devem enquadrar-se num novo paradigma, que tenha em conta a concepção holística o todo existe em cada parte, e o inverso também é verdadeiro. Há uma finalidade evolutiva planificada em degraus de competência.

Por conseguinte, parece ser cada vez mais urgente, que, para além do trabalho individual ou de grupo, realizados no nosso dia-a-dia, encontremos também na organização da Sociedade Teosófica, no trabalho dos grupos, uma pedagogia e estratégias mais adequadas para alargar a aplicação do ensinamento teosófico, com um trabalho prático mais estruturante,

tanto no campo científico e socioprofissional, como para o grande público.

A fraternidade universal alarga-se a cada momento, na ação e no pensamento firme de todos os que trabalham para iluminar o mundo, com os operários divinos.

O espaço privilegiado que é a Sociedade Teosófica, não descurando as melhores condições para o percurso interno dos seus membros, poderia transformar-se num espaço exterior aberto ao grande público, por exemplo, num centro de formação superior, em Teosofia prática, uma escola aberta a jovens, pais, educadores, profissionais de saúde, psicólogos, sociólogos e outros, utilizando novas tecnologias e projetos de formação adequados.

Assim, poderíamos ajudar a humanidade a fazer uma transição mais célere para uma nova civilização mais espiritualizada, e, conseqüentemente, mais sábia e mais fraterna, em harmonia com os operários divinos que trouxeram a Luz / a Teosofia, para iluminar os filhos dos homens – a humanidade. ∞

Comunicação integrada no Seminário Teosófico de maio de 2009 – S.T.P./Lisboa

*Viver com atenção conduz à purificação de si mesmo, o que significa elevar-se acima do eu pessoal, limitado e restritivo, o qual erroneamente é assumido como a nossa identidade separada e distinta em termos de corpo físico, de emoções e de pensamentos. A purificação de si mesmo conduz à compaixão e a ações amorosas espontâneas. Podemos mesmo dizer que a purificação de si mesmo, o amor abnegado e o serviço andam sempre juntos. O Mahachohan fez a seguinte advertência: “Todos nós temos que nos libertar dos nossos próprios egos, o eu aparente e ilusório, para reconhecer o nosso verdadeiro eu, numa vida divina transcendental”.*

Surendra Narayan, in *The Theosophist*, novembro de 1999

# Bhagavan Sri Ramana Maharshi, o Sábio de Arunachala

ANA MARIA COELHO DE SOUSA

Falar de Sri Ramana Maharshi é simultaneamente coisa fácil, mas também muito difícil. Fácil, porque falar d'Ele é falar de beleza, paz, harmonia, beatitude, serenidade, graça, enfim, de tudo o que torna a vida bela e nos enche o coração. Falar d'Ele é também falar do valor do silêncio. Se estivéssemos a seus pés não precisaríamos de palavras, o silêncio tanto interior como exterior seria total, de uma natureza especial, o tempo passaria sem darmos por isso. De facto, o seu ensinamento era transmitido sobretudo através do silêncio, assim o dizem todos quantos tiveram o privilégio de com Ele conviver. Também já nos foi dito que o verdadeiro sábio é aquele que ensina através do silêncio. Os que estiveram a seu lado diziam que o silêncio que perpassava pelo poder da sua presença e emanação da sua graça era sentido de forma única. E é difícil falar d'Ele porque não existem palavras capazes de veicular, transmitir aquilo que não pode ser dito por palavras, mas sentido, vivido, experienciado.

Este grande ser, este rishi do sul da Índia, é a demonstração viva do desprendimento ou desapego de que tanto falamos, mas que poucos praticamos. Os seus únicos pertences eram uma espécie de tanga, um cajado e uma chaleira onde levava água. Nunca se furtou ao olhar de quantos o procuravam, nunca deixou de oferecer a sua presença a todos que o rodeavam ou que o procuravam, isto até ao seu último suspiro. Depois do longo período em que praticou o mutismo absoluto, continuou a falar pouco e também tal não era necessário, pois são muitos

os relatos daqueles que dele se aproximavam cheios de perguntas, de questões que queriam ver resolvidas, com corações despedaçados, mágoas intensas e bastava o olhar penetrante de Maharshi para tudo ficar esclarecido não havendo mais necessidade de fazer perguntas, e as pessoas atormentadas saíam dali confortadas, consoladas, com esperança nos seus corações. Apesar de permanecer a maior parte do tempo absorto, completamente fundido ou absorvido no absoluto, na fonte de onde tudo emana, contudo não se pense que se tratava de um ser que vivia longe da realidade do mundo ou dos afazeres do dia-a-dia. Uma vez uma mulher veio até Ele na maior das aflições, pois tinha perdido o marido, os filhos, a casa, enfim tudo, e a sua dor era tanta que Maharshi chorou com ela. Havia uma altura determinada em que lia os jornais que o punham a par dos acontecimentos, gostava de ir até à cozinha ajudar na preparação dos alimentos e dava os seus passeios pela floresta. Naquela altura a paisagem era mesmo uma floresta. Os passeios foram-se tornando cada vez mais raros à medida que o reumatismo infeccioso se foi desenvolvendo, muito provavelmente devido à tremenda austeridade a que submeteu o corpo físico durante tantos e longos anos. O seu poiso era uma poltrona, chaise longue, sempre reclinado e nunca deitado, onde passava o dia e a noite sempre na presença dos devotos, não só dos residentes como de todos os que o visitavam.

Nunca se furtou a que o fotografassem pois sabia que através do seu olhar, umas vezes

tão penetrante que parece que nos trespassa, ou através da doçura desse mesmo olhar, podia tocar muitos corações que d'Ele precisassem.

Sri Bhagavan nasceu a 5 de janeiro de 1879 e deixou o corpo físico em 14 de abril de 1950, vítima de um sarcoma. Chamava-se, de seu nome próprio, Venkataraman. A sua família era feliz, abonada, de classe média. Eram brâmanes de uma casta elevada. Tinha ele doze anos, o pai morreu e a família dispersou-se. As crianças foram morar com um tio paterno. Teve uma infância normal e feliz, era um rapaz cheio de saúde e a única coisa inusitada a seu respeito era o seu sono anormalmente profundo. Os amigos levavam-no de um lugar para outro e até lhe batiam para ver se ele acordava e tudo sem efeito. Este é apenas um pormenor de alguém que já era, sem o saber, e que viria a ser um Grande Ser, um grande Mestre, um Jivanmukta, que significa um ser que alcançou a autorrealização em vida.

O próprio Ramana Maharshi viria mais tarde a contar como se deu aquilo que poderemos apelidar como o despertar. “Foi cerca de seis semanas antes que eu deixasse Madura de vez, que aconteceu a grande mudança na minha vida. Foi bastante inopinado. Estava sozinho numa sala do primeiro andar da casa do meu tio. Raramente fico doente e naquele dia a minha saúde era perfeita, mas um repentino temor da morte apossou-se de mim. Nada no meu estado de saúde justificava tal coisa e não tentei encontrar qualquer explicação nem tão pouco saber se havia alguma razão para aquele temor. Sentia apenas que ia morrer e comecei a pensar no que deveria fazer. Não me ocorreu consultar um médico, ou os mais velhos, ou os amigos; percebi que teria de enfrentar o problema sozinho, resolvendo-o de pronto e ali mesmo.”. “O choque produzido pelo temor da morte fez com que a minha mente se voltasse para dentro e disse para mim mesmo, sem chegar na verdade a articular as palavras: a morte

chegou; que significa ela? O que estará morrendo? Este corpo morre?” E, imediatamente dramatizei a ocorrência da morte. Deitei-me com os membros distendidos, como se o rigor mortis já houvesse tomado conta de mim e imitei um cadáver a fim de emprestar maior realismo à investigação. Sustive a respiração e mantive os lábios bem apertados de modo a que nenhum som escapasse, de modo que nem a palavra eu, nem qualquer outra palavra pudesse ser pronunciada. Pois bem, disse para comigo, este corpo está morto. Será transportado para o crematório, ali queimado e reduzido a cinzas. Mas com a morte deste corpo estarei eu morto? Serei eu este corpo? Ele está silencioso e inerte, mas sinto toda a força da minha personalidade e até mesmo oiço a voz do eu dentro de mim, totalmente apartada do corpo. De modo que sou Espírito transcendendo o corpo. O corpo morre mas o Espírito que o transcende é imune à morte. Quer isto dizer que sou um Espírito imortal. Eu era uma coisa muito real, a única coisa real no estado em que me encontrava, e toda a atividade consciente ligada ao meu corpo estava centralizada nesse eu. Daquele momento em diante o Eu ou Si passou a atrair sobre si a atenção com poderoso fascínio. O temor da morte desaparecera para sempre. Ainda que o corpo estivesse ocupado em falar, ler ou qualquer outra coisa eu continuava sempre centralizado no Eu. Anteriormente àquela crise eu não tinha uma percepção clara do meu Eu e não me sentia atraído conscientemente por ele. Não sentia qualquer interesse perceptível ou direto por ele, muito menos qualquer inclinação para manter-me nele com carácter permanente”.

A partir deste momento a vida diária de Venkataraman passou a ser completamente diferente. Curiosamente, ninguém tinha dado por esta modificação. A glória, o poder e a divindade do seu estado permaneciam ocultos. Tinha então dezasseis anos. Apercebeu-se da

futilidade das obrigações escolares, do conforto em que vivia e que nada lhe dizia, e decidiu renunciar a tudo aquilo e dedicar-se inteiramente à meditação no intento da procura de quem Ele era realmente, no fundo praticando o método que ele posteriormente protagonizou e a que chamou *atmavichara*, isto é, indagação do Eu, também chamado *Si* na tradução difícil do *Self*.

Na carta de despedida escreveu ao irmão: “Parti em procura do meu Pai, em obediência às Suas ordens. Fui-me em virtuosa empreitada, por isso ninguém lamenta este [referindo-se à sua pessoa] nem desperdicem dinheiro à procura deste. A sua taxa escolar não foi paga. Aqui ficam duas rupias”. Pode-se imaginar a angústia da família ao ter conhecimento do seu desaparecimento. Apesar do pedido por ele feito, envidaram todos os esforços para o encontrar, o que só veio a acontecer muitos anos mais tarde, quando já se reunia à sua volta um grupo de discípulos, palavra de que ele não gostava pois dizia que não há Guru nem discípulo para um ser realizado, existe somente o *Si*. A própria mãe e o irmão mais novo também se vieram a tornar seus discípulos.

Seria longo descrever todo o percurso efetuado por este jovem até chegar ao seu destino, aquilo que ele considerava o seu destino, as austeridades a que submeteu o seu corpo físico, pois ignorava-o por completo. No entanto é curioso referir que quando chegou ao grande Templo de Tiruvanamalai, noite cerrada, com o coração cheio de júbilo, numa muda acolhida, os portões dos altos muros e todas as portas, até mesmo a do santuário interno, se abriram. Não havia ninguém no interior, de modo que ele penetrou no santo dos santos e ali se quedou extático ante o seu Pai Arunachaleswar [Iswara manifestado como Arunachala]. Arunachala é considerada uma montanha sagrada, por alguns dita como o Monte Meru. Este episódio foi por Ele contado muito mais tarde. Ali chegado,

na bem-aventurança da União, consumou-se a busca e a jornada terminou.

Ao longo dos anos mudou três vezes de morada, sempre em grutas do monte Arunachala, até que, por fim, aqueles que o rodeavam e que eram cada vez mais numerosos o convenceram a fixar-se na base da colina, e então ali se estabeleceu um ashram, na altura muito primitivo, mas que se foi alargando para poder conter, não só os que com Ele viviam, mas também os que o procuravam vindos de fora, não só de toda a Índia, como também tantos do estrangeiro, onde ali recebiam alimento e dormida.

Deixou escrito apenas um pequeno livro chamado *Atma-Vichara*, a autoinquirição já mencionada, embora abundem escritos sobre ele, redigidos pelos seus discípulos, com base no que Ele ia ensinando, e que temos como fiáveis, pois ele próprio os corrigia quando lhes eram dados a ler.

Insistia muito na necessidade de se conhecer a natureza da mente. Ao fazê-lo, verificamos que possui dois aspetos. Um consiste na multidão de pensamentos em mutação e movimento constantes. O outro, o elemento que existe sem cessar na mente que é o pensamento ‘eu’. Todos os pensamentos dependem, para a sua existência, da atenção posta no ‘eu’, todo o pensamento existe apenas associado ao ‘eu’. Porém, o próprio facto de os pensamentos irem mudando, mas de o pensamento ‘eu’ ser contínuo, implica que ele continua a existir enquanto um pensamento se vai e outro vem, isto é, continua a existir mesmo no intervalo entre pensamentos. Diz Ramana que se questionarmos a própria validade do pensamento ‘eu’, com a interrogação ‘quem sou eu’, não terá nenhum *locus standi* para se associar a outros pensamentos. Então o que é que acontece? Como o pensamento ‘eu’ não pode aguentar uma indagação direta, retrocede para a sua origem, o *Si* (*Atman*). Podemos perguntar-nos como é que podemos dizer que o

‘eu’ surge do Si (Self), que o Si é a sua origem. Isto é evidente para nós, através da experiência diária do sono profundo em que o pensamento ‘eu’ está ausente, em que não existe consciência de identidade, em que não há entaves à existência. Esta a razão por que somos capazes de recordar a paz do sono quando acordamos. É também ao acordar que tomamos novamente consciência do nome e da forma. A identidade, o pensamento ‘eu’ surge de novo. Assim, inferimos que o pensamento ‘eu’ mergulha no Si no sono profundo e que surge quando acordamos. A finalidade da investigação do ‘eu’ é experienciar esta fusão conscientemente. E será que essa fusão do ‘eu’ com a sua origem, o Si, implica a supressão da faculdade de pensar, que isso resulta num vazio? Longe disso. Sri Ramana descreve-o como uma inundação de beatitude. É como se a pessoa fosse ‘engolida’ viva, diz ele, é a própria beatitude que engole a pessoa. É como o rio que se funde no mar e que dança no mar. É uma onda de alegria.

Assim, a finalidade da autoindagação é focalizar toda a mente na sua origem. Não é o caso de um ‘eu’ à procura de outro ‘eu’. Disse Maharshi: “Tentar destruir o ego ou a mente através de exercícios espirituais que não Atma-Vichara (autoindagação, busca do SI) é como o ladrão que vira polícia para apanhar o ladrão que é ele próprio. Só a autoindagação pode revelar a verdade de que, nem o ego, nem a mente, de facto existem e permitir-nos realizar o Si puro, indiferenciado do Eu ou o absoluto”. Diz ele que já somos a verdade, a realidade, apenas temos de descobri-la dentro de nós, tornarmo-nos naquilo que já somos. O verdadeiro conhecimento vem apenas remover a nossa ‘ignorância ignorante’. Disse ainda: “A causa da vossa aflição não está na vida lá fora, está dentro de vós como ego”.

Fala também muito na importância de focalizarmos a nossa atenção no coração, não

no coração físico, situado no lado esquerdo do peito, mas no coração espiritual, que fica à direita. Diz o Eclesiastes, X, 2: “O coração do sábio fica à sua mão direita, mas o do tolo à esquerda”. Ele é claramente visível aos olhos interiores do adepto no caminho espiritual. Alguém disse: “Todas as pessoas grandes funcionam com o coração. Lembra-te sempre de pensar com ele, de sentir com ele e, sobretudo, de julgar com ele”. O coração espiritual é a morada do Si e, portanto, o lugar de união. O coração é a sede da consciência ou a própria consciência, disse Ramana. Coração é outro nome para a realidade, e esta não está nem dentro nem fora do corpo. Não há dentro nem fora para ela, pois ela apenas é. A instrução, portanto, é concentrar-se no coração à direita e perguntar “quem sou eu”? Quando surgem pensamentos durante a meditação, não se lhes deve dar seguimento, mas observá-los e indagar “o que é este pensamento? De onde veio? E a quem? A mim ... e quem sou eu?” Assim todo o pensamento desaparece, quando esmiuçado e reduzido ao pensamento básico do eu.

Então, qual é a natureza da mente? A mente existe porque existem pensamentos. Disse Maharshi: “A mente é constituída por pensamentos. Parai de pensar e então mostrai-me onde está a mente”. De facto, a experiência demonstra que, afastando todos os pensamentos, nada fica do que chamamos ‘mente’. “Jamais alguém pode descobrir a verdade pelo pensamento, nem chegar a qualquer descoberta no campo espiritual através das atividades da mente”, disse ainda Ramana. E acrescentou: “O melhor meio de educar a mente é parar de pensar. O pensamento contínuo é a causa da inflamação do cérebro”.

Sri Ramana Maharshi prescreveu a Autoindagação, não apenas como técnica de meditação, mas também como técnica de vida na atividade diária. Alguém foi magoado e

fica ressentido. Então pergunta-se: “Quem foi magoado ou está ressentido? Quem está satisfeito ou acobardado, raivoso ou triunfante?”

Todas as religiões teístas salientam a importância da submissão a um poder invencível e invisível. Um devoto perguntou a Sri Ramana quais os passos para se conseguir esta submissão. Respondeu do seguinte modo: “Há duas maneiras. Uma é olhar para a fonte do ‘eu’ e fundir-se nessa fonte. A outra é o sentimento ‘sozinho não consigo nada, somente Deus é todo-poderoso, e a não ser que me entregue completamente a Ele, não existe outro meio de salvação para mim’, e assim desenvolver gradualmente a convicção de que só Deus existe e de que o ego não conta. O que equivale a dizer todo o tempo “Eu não, mas Tu, Senhor”. Entregai-vos a Ele e aceitai a sua vontade. Ele sabe o que é melhor para vós, quando e como fazê-lo. Deixai tudo com Ele; o fardo é d’Ele, já não tendes mais preocupações. Todas as vossas preocupações são d’Ele. Isto é submissão, entrega. Isto é bhakti”. Não foi Jesus que disse “ponham os vossos fardos em mim” e Krishna “deixem todos os trabalhos para mim”?

Quando lhe pediram que falasse acerca da renúncia, disse que a verdadeira renúncia está na mente, não é alcançada através da renúncia física. A renúncia não é uma retirada, mas uma ampliação do amor. A verdadeira renúncia é a renúncia dos desejos, das paixões e dos apegos. A este propósito será interessante descrever um diálogo com Paul Brunton, tido em fins dos anos 30, mas que continua igualmente atual:

PB: Será que o Maharshi pode dar a sua opinião sobre o futuro do mundo já que estamos a viver dias críticos?

BH: Porque se preocupa com o futuro? Nem mesmo conhece adequadamente o presente. Cuide do presente, que o futuro cuidará de si.

PB: O mundo entrará brevemente numa era de amizade e ajuda mútua, ou descambará para o caos e a guerra?

BH: Há alguém que governa o mundo e cabe a Ele tomar conta do mundo. Aquele que deu a vida ao mundo sabe também como cuidar da sua criatura. Ele suporta o fardo deste mundo, não vós.

PB: No entanto, se olharmos em torno sem qualquer preconceito é difícil ver onde entra esse olhar benevolente.

BH: Tal como vós sois, assim é o mundo. Sem compreender-se a si mesmo o que adianta compreender o mundo? Eis uma questão que aqueles que procuram a verdade não precisam de tomar em conta. As pessoas costumam esbanjar as suas energias com tais assuntos. Primeiro descubra a verdade anterior a si e então estará numa posição melhor para compreender a verdade anterior ao mundo do qual fazeis parte.

Com o seu ensinamento, veio fundir num só dois grandes caminhos: o do conhecimento e o da ação, caminho numa vida de serviço e o agir sem se estar preso ao fruto das próprias ações. Este novo caminho é adequado às condições da nossa época, caminho que pode ser trilhado em silêncio, tanto num escritório ou oficina, como num ashram, ou em qualquer outro local, com ou sem observância externa, sendo apenas um momento para a meditação e a seguir uma recordação que atravessa o dia. “No fim, tudo o que estava oculto será desvendado”, disse Cristo. Este caminho é também um caminho de devoção, pois gera amor puro, amor pelo Eu, o nosso Mestre interno.

Ainda numa conversa com Paul Brunton, este perguntou-lhe: “A Graça divina é realmente necessária? Será que os esforços honestos do indivíduo não o podem levar ao objetivo final?”. “Sim, mas a dádiva de tal Graça é um refúgio para o verdadeiro devoto ou o iogue

que se tem esforçado séria e incessantemente no Caminho. A Graça do Guru é como a mão que vos é estendida para vos tirar de dentro da água. A Graça do Guru é o mesmo que a Graça de Deus, porque o Guru não é diferente d'Ele. Deus, Graça e Guru são todos sinónimos e também eternos e imanes. A Graça está dentro de vós, sempre lá esteve, se fosse externa seria inútil. A Graça é o Si."

Ainda a propósito da Graça, Maharshi falou assim: "A Graça do Guru é como um oceano. Se alguém vem com uma xícara, não leva senão essa medida. É inútil queixar-se da avareza do oceano. Quanto maior o vaso tanto mais poderá carregar. Tudo depende da pessoa."

Uma vez encontrado o Caminho, por mais avanços e recuos implicados no seu percurso, ele não poderá mais ser perdido, não importa

quantas existências estejam ainda diante de nós.

Quando estava próximo o seu passamento, os discípulos em grande tristeza perguntavam-lhe: "E agora sem vós, que ides partir, o que será de nós?", ao que Ele respondeu: "Quem disse que eu partia? Para onde poderia eu ir? Ficarei sempre aqui. Estou mais vivo do que nunca". E assim é. Todo o aspirante sincero o encontrará no seu próprio coração ainda que não o tenha visto em sua forma física. E essa presença invisível é tão potente como era a sua forma física. Estejamos pois abertos à atenção que nos é dispensada pelo nosso Mestre, seja ele qual for, procurando assim ser dignos dessa sua atenção e da dádiva da sua Graça. ∞

Palestra proferida em março de 2014 – S.T.P./Lisboa

*A maioria das pessoas acredita que pode escapar das consequências de seus atos, mentais e físicos. Existem algumas que reconhecem, pelo menos teoricamente, que não é possível escapar das consequências das forças que liberam, mas não creem realmente nisso. Se acreditassem no Karma, seriam extremamente cuidadosas acerca de tudo o que fazem, o que pensam e sentem, acerca do seu relacionamento com as outras pessoas e assim por diante. A fraqueza da crença é tornada evidente pela negligência na conduta. É possível escapar às consequências de um ato no mundo físico durante o curso de uma vida. No caso de uma pessoa que rouba, ela pode ser presa imediatamente ou a sua falta pode permanecer encoberta durante muito tempo; mas não pode escapar dos resultados indefinidamente, pois "os moinhos de Deus moem lentamente", trituram até pedaços extraordinariamente pequenos. No entanto, o que é mais sério não é a descoberta do roubo e o facto de a pessoa poder ser presa, mas o efeito da consequência imediata no campo psicológico.*

Radha Burnier, *A Escravidão Está na Mente*

## Notícias da S.T.P.

O trabalho teosófico é um trabalho de verdadeira cooperação, para o qual é fundamental a estrutura coesa que mantém unidos os órgãos sociais da Sociedade Teosófica. Uma tal coesão permitiu que ao longo de 2014 todo o trabalho decorresse de forma fluida e flexível na Sociedade Teosófica de Portugal. A fluidez e a flexibilidade surgem naturalmente no trabalho que se realiza em prol dos outros, em detrimento da valorização de si mesmo, da autoimportância sem qualquer sentido. Assim, em relação ao ano de 2014, renova-se um sincero agradecimento a todos os elementos dos órgãos sociais da S.T.P., pelo seu empenho e pela sua dedicação, pela compreensão mútua.

O agradecimento estende-se a todos aqueles que pela sua presença e participação, membros ou não, contribuíram para manter visível o dinamismo da S.T.P. É certo que o agradecimento se estende ainda a todos aqueles que por motivos alheios à sua vontade viram impedida a sua presença, bem como a sua participação.

No trabalho teosófico importa a visão daquilo que é essencial ao coletivo – todos aqueles que são membros da Sociedade Teosófica, bem como aqueles a quem vulgarmente se dá o nome de simpatizantes, e também aqueles que dela fortuitamente se aproximam movidos pela curiosidade ou pelo interesse mais passageiro. Desta forma, consubstancia-se a fraternidade que a todos une.

O sentido profunda da cooperação e a aproximação que ela favorece permitiram a organização de um conjunto muito variado de atividades públicas ao longo de 2014, na sede da S.T.P., em Lisboa.

Por muito sucinto que fosse, um resumo de cada uma dessas atividades tornar-se-ia, no seu conjunto, um texto de extensão certamente

excessiva. Num agradecimento final, não poderiam ser esquecidos todos aqueles que tomaram a seu cuidado a coordenação e a dinamização das atividades que seguidamente se apresentam, na sua ordem cronológica:

- *Radha Burnier*, palestra por Isabel Nobre Santos;
- *J. Krishnamurti*, visionamento de uma palestra de Krishnamurti e debate coordenado por Carlos Guerra;
- *Comemoração do Dia de Adyar*;
- *Ioga-Sutras: dimensão prática dos ensinamentos de Patanjali*, comunicações breves por vários intervenientes – Ana Maria Coelho de Sousa, Isabel Nobre Santos, José António Alves, Maria Alida Rodrigues;
- *Os ensinamentos de Ramana Maharshi*, palestra por Ana Maria Coelho de Sousa;
- *A arte como uma visão teosófica do mundo*, palestra por Carlos Guerra;
- *Celebração do Dia do Lótus Branco*;
- *Viver espiritualmente em tempos de transição*, tertúlia coordenada por Isabel Nobre Santos e José António Alves;
- *O sentido da teosofia no mundo de hoje*, comunicações breves por vários intervenientes – Carlos Guerra, Fernando Coelho de Sousa, Manuel Cavaco Nunes e Maria de Lourdes Simões;
- *O sentido religioso da vida*, tertúlia coordenada por Ana Maria Coelho de Sousa e Carlos Guerra;
- *A cosmoética*, palestra por Jorge Moreira;
- *Os pés na terra e a cabeça nas nuvens*, palestra por Joana Fernandes;
- *Passeio temático na zona de Lisboa*;
- *A viagem da consciência: do desejo à vontade*, palestra por Maria José Barrios;
- *A atitude meditativa*, tertúlia coordenada por Carlos Guerra;
- *Convívio de Natal*.

*Carlos Guerra*

## LIBERDADE DE PENSAMENTO

*Resolução aprovada pelo*

*Conselho Geral da S.T. a 30 de Dezembro de 1924*

Uma vez que a Sociedade Teosófica se espalhou por todo o mundo civilizado e que tem nos seus quadros membros de todas as Religiões, os quais não renunciam às doutrinas peculiares e ensinamentos de suas respectivas crenças – logo que não vão contra o Princípio da Fraternidade Universal sem distinção de qualquer espécie – conclui-se ser desejável acentuar o facto de não haver nenhuma doutrina ou opinião ensinada, que o membro da Sociedade seja obrigado a seguir ou não tenha liberdade de aceitar ou recusar. A aceitação dos seus objetivos é a única condição para tornar-se membro da Sociedade. Nenhum escritor ou instrutor, seja H. P. Blavatsky ou qualquer outro, tem autoridade para impor os seus ensinamentos ou opiniões aos membros. Pode apenas expô-los. Cada membro tem igual direito de aceitar qualquer escola de pensamento da sua preferência, mas não tem o direito de impor aos outros. A ninguém se pode negar o direito de votar ou de ser elegível por causa das opiniões que defenda ou da escola de pensamento a que pertença, logo que o Princípio da Fraternidade seja respeitado, pois as opiniões ou crenças não conferem privilégios, nem acarretam penalidades de qualquer espécie. Os membros do Conselho Geral rogam, encarecidamente, a todos os membros da Sociedade Teosófica, que sustentem, defendam e atuem de acordo com os princípios fundamentais da Sociedade e também exerçam com firmeza o seu direito de liberdade de pensamento e expressão, dentro dos limites de cortesia e delicadeza para com os demais.

## INDEPENDÊNCIA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

*Resolução aprovada pelo*

*Conselho Geral da S.T. a 30 de Dezembro de 1950*

Embora cooperando com quaisquer outras entidades cujos objetivos possibilitem tal cooperação, a Sociedade Teosófica é e deve permanecer uma Organização inteiramente independente daquelas, sem compromissos com quaisquer objetivos que não os seus e atenta ao desenvolvimento do seu próprio trabalho, dentro das normas mais amplas, de modo a dirigir-se para o fim expresso nos seus Objetivos, que incluem o conceito de Sabedoria Divina contido na expressão «Sociedade Teosófica».

Dado que a Fraternidade Universal e a Sabedoria são insuscetíveis de definições completas, há, individual e coletivamente, total liberdade de pensamento para todos os membros da Sociedade, procurando esta manter sempre o seu caráter único e distinto, sem se identificar com qualquer outra organização.

## SOCIEDADE TEOSÓFICA DE PORTUGAL

Rua José Estevão 10 B,  
1150-202 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt  
geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt  
213 534 750

### *Ramos e Grupos de Estudo*

- ÉVORA -

**Boa Vontade** - Maria João Figueira,  
mjoaofigueira2009@gmail.com

- LISBOA -

**Annie Besant** - Carlos Guerra,  
carlos.a.g.guerra@gmail.com,  
266 703 135, 965 741 281

**Aquário** - António Almeida,  
antonioicrpalmeida@gmail.com,  
218 137 424, 964 786 035

**Fraternidade** - José António Alves,  
isabeljoseantonio@gmail.com

**Isis** - Maria Lucília Meleiro,  
217 165 129

**Koot-Hoomi** - Isabel Nobre Santos,  
minobre@yahoo.com

**Lotus Branco** - (o ramo será reativado,  
tão cedo quanto possível)

**Maitreya** - Maria de Lourdes Simões,  
mlourdessimoes@sapo.pt, 965 100 947

- PORTO -

**Dharma** - Gabriel Pedro Velasques,  
**Horus** - José Almeida

informação comum a ambos os ramos:  
1ª e 3ª quinta-feira do mês, 21:30,  
Praça da República 13, 3ºB, Porto,  
shakti@sapo.pt, 963 408 166

- SÃO MIGUEL, AÇORES -

**G. E. Arcanjo Miguel** -  
Lubélia Travassos,  
lubtravassos@gmail.com, 296 285 266

- SETÚBAL -

**G. E. Amor, Verdade e Beleza** -  
(o Grupo de Estudos será reativado, tão cedo quanto possível)

# Sociedade Teosófica

**Presidente:** Mr Tim Boyd • **Vice-Presidente:** Dr Chittaranjan Satapathy • **Secretária:** Ms Marja Artamaa • **Tesoureiro:** Mr T. S. Jambunathan

**Sede:** Adyar, Chennai (Madras) 600 020, Índia • [www.ts-adyar.org](http://www.ts-adyar.org)

**Órgão Oficial do Presidente:** "The Theosophist", fundado por H. P. Blavatsky em 1879

Ano*	Secção	Secretário Geral	Endereço	Revista	Email
1947	Africa, East & Central	Mr Ebrony Peteli	PO Box 40844, Mufulira, Zambia	<i>The Theosophical Light</i>	<a href="mailto:ebmony.peteli@gmail.com">ebmony.peteli@gmail.com</a>
1909	Africa, South	Mr Jack Hartmann	9 Ronean, 38 Princess Ave., Windsor E. 2194	<i>The S. African Theosophist</i>	<a href="mailto:hartmann.jack.c@gmail.com">hartmann.jack.c@gmail.com</a>
1956	Africa, West	Mr John Osmond Boakye	PO Box 720, Accra, Ghana	<i>The W. African Theosophist</i>	<a href="mailto:tswafrika@gmail.com">tswafrika@gmail.com</a>
1929	America, Central*	Mrs Ligia Gutiérrez S.	Rept. Los Arcos #43, Ent. Princ. 1 c. Sur 2 c. Abajo, 1 c. Sur, Distrito 2, Managua, Nicaragua		<a href="mailto:ligusimpson@hotmail.com">ligusimpson@hotmail.com</a>
1920	Argentina	Mr Jorge Garcia	Santiago 257 - 2000, Rosario	<i>Teosofia en Argentina</i>	<a href="mailto:stargentina@sociedad-teosofica.com.ar">stargentina@sociedad-teosofica.com.ar</a>
1990	Asia, East and Southeast †	Mr Chong Sanne	540 Sims Avenue, No. 03-04 Sims Avenue Centre, Singapore 387 603	<i>Newsletter</i>	<a href="mailto:sanne@theosophyasia.net">sanne@theosophyasia.net</a>
1895	Austrália	Mrs Linda Oliveira	Level 2, 162 Goulburn St., Surry Hills, NSW 2010	<i>Theosophy in Australia</i>	<a href="mailto:tshq@austheo.org.au">tshq@austheo.org.au</a>
1912	Austria *	Mr Albert Schichl	Oberbaumgarten 25, 4204 Haibach im Muhlkreis	<i>Teosofie Adyar</i>	<a href="mailto:theosophic.austria@aon.at">theosophic.austria@aon.at</a>
2013	Bangladesh †	Mr B. L. Bhattacharya	B/4-3, Iswarchandra Nibas, 68/1, Bagmari Road, Kolkata 700 054		<a href="mailto:bitbos_2005@yahoo.com">bitbos_2005@yahoo.com</a>
1911	Belgium	Mrs Sabine Van Osta	Place des Gueux 8, B1000 Brussels	<i>Le Lotus Bleu</i>	<a href="mailto:sabine_van_osta@hotmail.com">sabine_van_osta@hotmail.com</a>
1965	Bolivia	Mrs Teresa w. de Nuñez	Cañilla de Correo 3911, Cochabamba		<a href="mailto:uparati@hotmail.com">uparati@hotmail.com</a>
1920	Brazil	Mr Marcos L. B. de Resende	SGAS - Quadra 603, No. 20, CEP 70200-630 Brasília (DF)	<i>Sophia</i>	<a href="mailto:marcos.resende@ricdel.com.br">marcos.resende@ricdel.com.br</a>
1924	Canada *	Mr Medardo Martinez Cruz	3162 Rue de la Bastille, Boisbriand QC, J7H 1K7	<i>The Light Bearer</i>	<a href="mailto:martinez6@sympatico.ca">martinez6@sympatico.ca</a>
1920	Chile *	Mr Cesar Ortega Ortiz	Casilla 11 Sucursal Paseo Estacion, Estacion Central, Santiago	<i>Revista Teosofica Chilena</i>	<a href="mailto:sociedadteosoficachile2010@gmail.com">sociedadteosoficachile2010@gmail.com</a>
1937	Colombia †	Mrs Nelly Medina de Galvis	Centr 22, # 45B-38 (Cons. 404), Barrio Palermo, Bogotá	<i>Selección Teosofica</i>	<a href="mailto:nmedinaga@yahoo.es">nmedinaga@yahoo.es</a>
1997	Costa Rica †	Mrs Maria Orlich	Apartado 8-6710-1000, San José		<a href="mailto:orlichsm@gmail.com">orlichsm@gmail.com</a>
2007	Croacia Δ	Mrs Nada Tepeš	Krajiška Ulica 24, 10000 Zagreb	<i>Teozofija</i>	<a href="mailto:z.zemlja@gmail.com">z.zemlja@gmail.com</a>
1905	Cuba	Ms Barbara A. Fariñas Piña	Apartado de Correos 6365, La Habana 10600		<a href="mailto:teocuba.sociedad@gmail.com">teocuba.sociedad@gmail.com</a>
1987	Dominican Republic †	Mrs Magaly Polanco	Calle Santa Agueda 1652 Les Chalet Col San Juan, Puerto Rico Apartado 23 00926		<a href="mailto:polancomagaly@yahoo.com">polancomagaly@yahoo.com</a>
1888	England	Mr Colin Price	50 Gloucester Place, London W1U 8EA	<i>Insight</i>	<a href="mailto:president@theosoc.org.uk">president@theosoc.org.uk</a>
1907	Finland	Ms Marja Artamaa	Teosofinen Seura, Vironkatu 7C2, Fin 00170, Helsinki	<i>Teosofi</i>	<a href="mailto:teosofinen.seura@netti.fi">teosofinen.seura@netti.fi</a>
1899	France	Ms Trân-Thi-Kim-Diéu	4 Square Rapp. 75007 Paris	<i>Le Lotus Bleu</i>	<a href="mailto:trankimdieu@sfr.fr">trankimdieu@sfr.fr</a>
1902	Germany	Mrs Manuela Kaulich	Hauptstr. 39, 93138 Lappersdorf	<i>Adyar</i>	<a href="mailto:theosophie-adyar@gmx.de">theosophie-adyar@gmx.de</a>
1928	Greece	Mr Antonios Papandreou	25 Voukourestiou St., 106 71-Athens	<i>Ilisos</i>	<a href="mailto:info@theosophicalsociety.gr">info@theosophicalsociety.gr</a>
1907	Hungary †	Mr Thomas Martinovich	Hunyadi Janos ut 17. II. 8, H-1011 Budapest	<i>Teozófia</i>	<a href="mailto:tshutu7@hu.inter.net">tshutu7@hu.inter.net</a>
1921	Iceland	Mr Halldor Haraldsson	P.O. Box 1257 Ingolfstraeti 22, 121 Reykjavik	<i>Gangleri</i>	<a href="mailto:iceland.ts@gmail.com">iceland.ts@gmail.com</a>
1891	India	Mr S. Sundaram	The Theosophical Society, Varanasi - 221 010	<i>The Indian Theosophist</i>	<a href="mailto:theosophyvn@gmail.com">theosophyvn@gmail.com</a>
1912	Indonesia	Mr Henry Ispoernomo	Jalan Angrek Nelimurni A-104, Jakarta 11410 Timur	<i>Teosofi</i>	<a href="mailto:teosofi.indonesia@gmail.com">teosofi.indonesia@gmail.com</a>
1949	Ireland *	Mrs Marie Harkness	97 Mountsandel Road, Coleraine, Co. Londonderry, UK BT52 1TA		<a href="mailto:maricharkness@yahoo.co.uk">maricharkness@yahoo.co.uk</a>
1954	Israel Δ	Mr Abraham Oron	PO Box 9114, Ramat-Gan, Israel 5219002	<i>Or</i>	<a href="mailto:ornet@teosofia.co.il">ornet@teosofia.co.il</a>
1902	Italy	Mr Antonio Girardi	Viale Quintino Sella, 83/E, 36100 Vicenza	<i>Rivista Italiana di Teosofia</i>	<a href="mailto:sti@teosofia.org">sti@teosofia.org</a>
1997	Ivory Coast *	Mr Pierre-Magloire Kouahoh	Yopougon, 23 Rue Princeesse - B.P. 3924, Abidjan 23	<i>Sophia</i>	<a href="mailto:pm_kouahoh@hotmail.com">pm_kouahoh@hotmail.com</a>
1919	Mexico	Mrs Lissette Arroyo Jimenez	Ignacio Mariscal 126 Col. Tabacalera Mexicana, Mexico, D.F. 06030		<a href="mailto:sede@sociedadteosofica.mx">sede@sociedadteosofica.mx</a>
1897	Netherlands	Ms Els Rijncker	Tolsraat 154, 1074 VM Amsterdam	<i>Teosofia</i>	<a href="mailto:info@teosofie.nl">info@teosofie.nl</a>
1896	New Zealand	Mr John Vorstermans	18, Belvedere Street, Epsom, Auckland 1051	<i>TeoSophia</i>	<a href="mailto:np@theosophy.org.nz">np@theosophy.org.nz</a>
1913	Norway *	Dr Saleh Noshie	N-6873-Mariøfjora		<a href="mailto:saleh.noshie@bedriftshelse1.no">saleh.noshie@bedriftshelse1.no</a>
1935	Orlando Δ	Mr Carl Metzger	1606 New York Ave., Orlando, Florida 32803-1838, USA		<a href="mailto:theosophicalsocietycf@gmail.com">theosophicalsocietycf@gmail.com</a>
1948	Pakistan †		Jamshed Memorial Hall, M. A. Jinnah Road, opp. Radio Pakistan, Karachi	<i>The Karachi Theosophist</i>	<a href="mailto:bhagwanbharvani@hotmail.com">bhagwanbharvani@hotmail.com</a>
1924	Peru †	Mr Julio Gerardo Pomar Calderón	Av. Republica de Portugal 152, Breña, Lima 5	<i>Búsqueda</i>	<a href="mailto:sede-central@sociedadteosoficaenperu.pe">sede-central@sociedadteosoficaenperu.pe</a>
1933	Philippines, The	Mr Rosel Doval-Santos	Corner P. Florentino and Iba Streets, Quezon City, Manila	<i>The Philippine Theosophist</i>	<a href="mailto:philtheos@gmail.com">philtheos@gmail.com</a>
1921	Portugal	Mr Carlos Guerra	Rua José Estevão, 10 B, 1150-202 Lisboa	<i>Osiris</i>	<a href="mailto:carlos.a.g.guerra@gmail.com">carlos.a.g.guerra@gmail.com</a>
1925	Puerto Rico †	Mrs Magaly Polanco	Apartado 36-1766, 609 Correo General. San Juan, Puerto Rico 00936-1766	<i>Heraldo Teosofico</i>	<a href="mailto:polancomagaly@yahoo.com">polancomagaly@yahoo.com</a>
2012	Qatar Δ	Mr Dom Escobido	Teyscer Security Services, Doha		<a href="mailto:qatarblavatskyldodge@yahoo.com">qatarblavatskyldodge@yahoo.com</a>
2013	Russia †	Mr Pavel Malakhov	Molodyozhny pr., 10-221, 650070, Kemerovo		<a href="mailto:pr@ts-russia.org">pr@ts-russia.org</a>
1910	Scotland *	Mr Gary Kidgell	28 Great King Street, Edinburgh, EH3 6QH	<i>Circles</i>	<a href="mailto:garykidgell@hotmail.com">garykidgell@hotmail.com</a>
1992	Slovenia *	Mrs Breda Žagar	Kunaverjeva 1 SLO - 1000 Ljubljana	<i>Teozofska Misel</i>	<a href="mailto:zagarbreda@gmail.com">zagarbreda@gmail.com</a>
1921	Spain	Mrs Angels Torra Buron	Av. Vall d'Or, 85-87, 08197 - Valldoreix	<i>Sophia</i>	<a href="mailto:presidencia@sociedadteosofica.es">presidencia@sociedadteosofica.es</a>
1926	Sri Lanka †	Mr M. B. Dussanayake	2-C/60, Mattheogoda Housing Scheme, Mattheogoda	<i>The Sri Lanka Theosophist</i>	<a href="mailto:mbdassa@gmail.com">mbdassa@gmail.com</a>
1895	Sweden	Mr Pertrt Spets	Henriksdalsringen 23, SE - 131 32 Nacka	<i>Tidlös Vidom</i>	<a href="mailto:teosofiska.samfundet.adyar@tellia.com">teosofiska.samfundet.adyar@tellia.com</a>
1910	Switzerland †	Mrs Eliane Gaillard	17 Chemin de la Côte, CH-1282 Dardagny, Genève	<i>The Lotus</i>	<a href="mailto:egaillard@bluewin.ch">egaillard@bluewin.ch</a>
1997	Togo *	Mr Kouma Dakey	S.O., A.R.T.T., BP 76, Adeta		
2007	Ukraine *	Mrs Svitlana Gavrylenko	Office 3, 7-and Zhylianska St., Kiev 01033	<i>Svitoch</i>	<a href="mailto:org@theosophy.in.ua">org@theosophy.in.ua</a>
1886	USA	Mr Tim Boyd	PO Box 270, Wheaton, IL, 60187-0270	<i>The Quest</i>	<a href="mailto:admin@theosophical.org">admin@theosophical.org</a>
1925	Uruguay *	Mr Ramon Garcia	Javier Barrios Amorin 1085, Casilla de Correos 1553, Montevideo		<a href="mailto:st.uruguay@gmail.com">st.uruguay@gmail.com</a>
1922	Wales	Mrs Julie Cunningham	Bryn Adda, Brynsiencyn, Llanfairpwll, Anglesey, LL61 6NX UK		<a href="mailto:theosophywales@yahoo.co.uk">theosophywales@yahoo.co.uk</a>

\* *Data de formação*    \* *Associação Regional*    † *Agência Presidencial*    Δ *Grupo adstrito a Adyar*

## SOCIEDADE TEOSÓFICA

A Sociedade Teosófica foi fundada em Nova Iorque, Estados Unidos da América, a 17 de Novembro de 1875.

A sua Sede Internacional foi instalada em Adyar, Chennai (Madras), Índia, em 1882.

## OBJETIVOS DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

- 1º Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.
- 2º Encorajar o estudo comparado das Religiões, das Filosofias e das Ciências.
- 3º Investigar as leis inexplicadas da Natureza e os poderes latentes no Homem.

### **Conselho da Federação Europeia das Sociedades Nacionais**

*The Council of the European Federation of National Societies*

Presidente: Miss Tràn-Thi-Kim-Diêu

67 Rue des Pommiers

F-45000 Orleans, France

trankimdieu@msn.com

### **Federação Teosófica Inter-Americana**

*Inter-American Theosophical Federation*

Presidente: Ms Ligia B. Montiel L.

Calle 38, Av. 12 y 14, casa 1276, sabana sureste,

San José, Costa Rica

info@teosoficainteramericana.org

### **Federação Teosófica Indo-Pacífico**

*Indo-Pacific Theosophical Federation*

Presidente: Mr John Vorstermans

60B Riro Street, Point Chevalier

Auckland 1022, New Zealand

john@theosophy.org.nz

### **Federação Teosófica Pan-Africana**

*Pan-African Theosophical Federation*

Presidente: Mr Jack Hartmann

9 Ronean, 38 Princess Avenue,

Windsor E 2194, South Africa

hartmann.jack.c@gmail.com